

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Maiara Casal Mendes

Descrição e análise da produção oral dos róticos intervocálicos no português principense

Florianópolis

2021

Maiara Casal Mendes

Descrição e análise da produção oral dos róticos intervocálicos no português principense

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Letras –
Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de
Comunicação e Expressão da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito para a obtenção do título
de Bacharela em Letras - Português.
Orientador: Prof.(a), Dr.(a) Ana Lívya Agostinho

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mendes, Maiara Casal

Descrição e análise da produção oral dos róticos
intervocálicos no português principense / Maiara Casal
Mendes ; orientador, Ana Livia Agostinho, 2021.

79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Róticos. 3. Português
principense. 4. Fonética e fonologia. 5. Contato
linguístico. I. Agostinho, Ana Livia. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras Português.
III. Título.

Maiara Casal Mendes

Descrição e análise da produção oral dos róticos intervocálicos no português principense

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Florianópolis, 1º de outubro de 2021.

Prof.(a) Carla Regina Martins Valle, Dr.(a)
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Ana Livia Agostinho, Dr.(a)
Orientador(a)
UFSC

Prof.(a) Izete Lehmkuhl Coelho, Dr.(a)
Avaliador(a)
UFSC

Prof.(a) Amanda Macedo Balduino, Me.
Avaliador(a)
USP

RESUMO

Este estudo tem como objetivo a descrição e análise dos róticos intervocálicos do português principense (PP), falado na Ilha do Príncipe, de São Tomé e Príncipe (STP). A pesquisa é realizada a partir de pares mínimos do português brasileiro (PB) e português europeu (PE), considerando-se estudos que indicam que o português de São Tomé e Príncipe (PSTP) difere da norma europeia empregada nos âmbitos formais do Estado quanto aos róticos intervocálicos (AGOSTINHO, 2016, 2017; BOUCHARD, 2017; PEREIRA; HAGEMEIJER; FREITAS, 2018, entre outros). Por STP se tratar de um país multilíngue, o português falado nesta região está em contato com as línguas crioulas santome e angolar, faladas majoritariamente na Ilha de São Tomé, e lung'le e kabuverdianu, faladas majoritariamente na Ilha do Príncipe. Esta última língua é nativa de Cabo Verde e as demais, atualmente ininteligíveis entre si, são geneticamente relacionadas. As ilhas de STP, previamente desabitadas, foram colonizadas por portugueses, outros europeus e escravizados africanos entre 1970 e 1971 (FERRAZ, 1978). Em 1975, com a independência de Portugal, o português foi estabelecido como língua oficial de STP, sendo falado, de acordo com Censo de 2012, por 98,4% da população. Para a presente pesquisa, o método utilizado foi a transcrição e a análise acústica e oitiva de dados de fala através do *software* Praat. Estes dados foram coletados por meio de experimentos fonológicos em trabalho de campo *in loco* (AGOSTINHO; BALDUINO, 2016) com 6 mulheres naturais e residentes na Ilha do Príncipe e de idade e escolaridade variadas. Os resultados indicaram a ausência de distinção fonológica entre 'r fraco' e 'R forte' em PP, que sugere que há um único fonema rótico nesta variedade. Houve 53,6% de realizações esperadas e 46,4% de realizações não esperadas em PP para o sistema fonológico de PB e PE padrão. Para a posição fonológica de 'r fraco', registraram-se 34,6% de realizações não esperadas, e para a posição de 'R forte', 58% de realizações não esperadas. A variante mais utilizada em PP foi o *tap* [ɾ] (61,7%), seguido da fricativa uvular [ʁ] (34,6%) e vibrante alveolar [r] (3,7%). Verificou-se considerável variação inter e intraindividual, tanto em contexto de 'r fraco' quanto de 'R forte'. Estes resultados corroboram Agostinho (2016, 2017), Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), que propõem que o rótico de PP é resultado de fusão fonológica dos fonemas 'r fraco' e 'R forte' de PE em virtude do contato linguístico na região e da baixa carga funcional dos róticos em português. Dessa forma, sugere-se que PP possui um sistema fonológico diferente do de PB e PE padrão. Este trabalho contribui para um melhor entendimento do sistema fonético-fonológico do português, bem como das variedades africanas

de português, sobretudo o PP, uma vez que esta variedade é pouco descrita na literatura. A pesquisa também contribui para o estudo de línguas em contato, ao serem também observadas as possíveis influências das línguas crioulas de STP em PP, que possuem um ou nenhum fonema rótico em seu sistema.

Palavras-chave: Róticos. Português principense. Fonologia. Fonética. Contato linguístico.

ABSTRACT

This study aims to describe and analyze intervocalic rhotic from the Princiense Portuguese (PP), which is spoken on the Island of Príncipe, in São Tomé and Príncipe (STP). The research is carried out using minimal pairs of Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (PE), considering studies that indicate that the Portuguese of São Tomé and Príncipe (PSTP) differs from the European standard used in the formal spheres of the State in terms of to intervocalic rhotic (AGOSTINHO, 2016, 2017; BOUCHARD, 2017; PEREIRA; HAGEMEIJER; FREITAS, 2018, among others). As STP is a multilingual country, the Portuguese spoken in this region is in contact with the creole languages Santome and Angolar, mostly spoken on the Island of São Tomé, and Lung'le and Kabuverdianu, mostly spoken on the Island of Príncipe. This last language is native to Cape Verde and the others, currently unintelligible to each other, are genetically related. The islands of STP, previously uninhabited, were colonized by the portuguese, other europeans and enslaved africans between 1970 and 1971 (FERRAZ, 1978). In 1975, Portuguese was established as the official language of STP with the independence of Portugal. According to the 2012 Census, 98,4% of the population speak the Portuguese language. For the present research, the method used was the transcription and the acoustic analysis and listening of speech data through the Praat software. These data were collected through phonological experiments in fieldwork *in loco* (AGOSTINHO; BALDUINO, 2016) with 6 female informants from the Island of Príncipe and concerning diversified age and education. The results indicated the absence of phonological distinction between 'weak r' and 'strong R' in PP, which suggests that there is a single rhotic phoneme in this variety. There were 53,6% of expected realizations and 46,4% of unexpected realizations in PP for the phonological system of standard BP and EP. For the phonological position of 'weak r', 34,6% of unexpected achievements were registered, and for the position of 'strong R', 58% of unexpected achievements were registered. The most used variant in PP was tap [ɾ] (61,7%), followed by uvular fricative [ʁ] (34,6%) and alveolar vibrating [r] (3,7%). There was considerable inter and intraindividual variation, both in the context of 'weak r' and 'strong R'. These results corroborate Agostinho (2016, 2017), Agostinho and Mendes (2020) and Agostinho, Soares and Mendes (2020a, 2020b), who propose that the PP rhotic is the result of a phonological fusion of the phonemes 'weak r' and 'strong R' of EP due to the linguistic contact in the region and the low functional load of rhotic in Portuguese. Thus, it is suggested that PP has a different phonological system than standard BP and EP. This work contributes to

a better understanding of the phonetic-phonological system of Portuguese, as well as the african varieties of Portuguese, especially PP since this variety is rarely described in the literature. The research also contributes to the study of languages in contact, by also observing the possible influences of creole languages from STP to PP, which have one or no rhotic phoneme in their system.

Keywords: Rhotics. Principense portuguese. Phonology. Phonetics. Linguistic contact.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Golfo da Guiné.....	9
Figura 2 – Análise dos dados de PP por meio do Praat.....	45
Figura 3 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arritmia’ em PP	54
Figura 4 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘variedade’ em PP.....	55
Figura 5 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘marreco’ em PP	55
Figura 6 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘barra’ em PP	56
Figura 7 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘origem’ em PP	60
Figura 8 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘aro’ em PP.....	61
Figura 9 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘para’ em PP	61
Figura 10 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arroz’ em PP.....	62
Figura 11 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arrotá’ em PP.....	63
Figura 12 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arrancar’ em PP	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de dados da pesquisa sobre PP	46
Tabela 2 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP	49
Tabela 3 – Realizações fonéticas róticas de pares mínimos em PP por informante.....	49
Tabela 4 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP	52
Tabela 5 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas esperadas e não esperadas para PB/PE padrão em PP	58
Tabela 6 – Total de realizações fonéticas róticas intervocálicas em PP para ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão.....	59
Tabela 7 – Total de realizações fonéticas róticas intervocálicas esperadas e não esperadas em PP nas posições de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão.....	59
Tabela 8 – Distribuição das realizações fonéticas róticas intervocálicas em PP correspondentes a ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão	64
Tabela 9 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas em pares mínimos de PP correspondentes a ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão	64
Tabela 10 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas esperadas e não esperadas para PB/PE padrão em pares mínimos de PP por informante	67
Tabela 11 – Comparação entre dados de PP e PST para a realização de ‘R forte’ nas posições de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição do perfil dos informantes	44
Quadro 2 – Classificação das variantes fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP por informante	47
Quadro 3 – Variantes fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP por informante	48
Quadro 4 – Julgamento de significado de pares mínimos de PB/PE padrão em PP	67
Quadro 5 – Distinção sonora pela Informante 5	68
Quadro 6 – Identificação do significado da palavra ‘corro’ pela Informante 5	69
Quadro 7 – Julgamento de significado de pares mínimos de PB/PE padrão em PST	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CV Consoante-vogal

L1 Língua primeira

L2 Língua segunda

PB Português brasileiro

PE Português europeu

PP Português principense

PPG Protocrioulo do Golfo da Guiné

PST Português são-tomense

PSTP Português de São Tomé e Príncipe

STP São Tomé e Príncipe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	14
1.1.1	Objetivo geral.....	14
1.1.2	Objetivos específicos	15
2	ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E LINGUÍSTICOS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE.....	15
2.1	ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E LINGUÍSTICOS	15
2.2	ATUAL CONTEXTO LINGUÍSTICO DE STP.....	22
2.2.1	Línguas crioulas em STP	23
2.2.2	Língua portuguesa em STP.....	24
3	CONTATO LINGUÍSTICO	25
4	RÓTICOS EM PORTUGUÊS.....	28
4.1	RÓTICOS EM PB E PE	29
4.2	RÓTICOS EM PP E PST	34
5	METODOLOGIA.....	42
5.1	CORPUS.....	43
5.2	TRATAMENTO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	44
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	48
6.1	REALIZAÇÕES FONÉTICAS DOS RÓTICOS INTERVOCÁLICOS EM PP..	48
6.1.1	Espectrogramas dos róticos intervocálicos em PP.....	53
6.2	REALIZAÇÕES FONÉTICAS RÓTICAS INTERVOCÁLICAS NAS POSIÇÕES FONOLÓGICAS DE ‘R FRACO’ E ‘R FORTE’ DE PB/PE PADRÃO	56
6.2.1	Espectrogramas dos róticos intervocálicos em PP por contexto fonológico de PB/PE padrão.....	59
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS.....	81
	ANEXO A – Lista de palavras.....	87

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva examinar e discutir a produção oral dos róticos intervocálicos do português principense (PP), variedade falada na Ilha do Príncipe, de São Tomé e Príncipe (STP). Este estudo é realizado por meio de uma análise acústica e oitiva de dados de fala de 6 informantes falantes de PP, a partir de uma lista de 69 palavras, incluindo 9 pares mínimos em português brasileiro (PB) e europeu (PE) padrão. Pretende-se reconhecer as variantes fonéticas róticas intervocálicas utilizadas pelas informantes e discutir o estatuto fonológico do rótico nessa posição silábica, comparando-se com PB e PE padrão, uma vez que em STP é empregada a norma portuguesa europeia. Para esse fim, a análise se concentrará na lista de palavras que compõem pares mínimos em PB e PE padrão.

STP é um arquipélago localizado no Golfo da Guiné, na costa ocidental africana, com uma população de 210.240 mil habitantes, segundo dados do Censo de 2018. As ilhas de STP eram desabitadas até sua colonização por portugueses, outros europeus e escravizados africanos a partir do século XV. Seu processo sócio-histórico está marcado pela colonização europeia, economia de plantação e práticas escravistas, tornando-se o país independente de Portugal em 1975.

De acordo com o Censo de 2012, 98,4% da população é falante de português, língua oficial de STP. São também faladas as línguas crioulas santome (ou forro), angolar, lung'le (ou principense) e o kabuverdianu, que detêm menor prestígio. O kabuverdianu é transplantado de Cabo Verde e as demais são geneticamente relacionadas, provenientes do protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG), língua que emergiu do contato entre os primeiros habitantes das ilhas ainda no período colonial (BANDEIRA, 2017; FERRAZ; 1978; HAGEMMEIJER, 2009).

A partir de uma investigação fonético-fonológica e da perspectiva do contato linguístico, o propósito deste trabalho é verificar a hipótese de que PP apresenta uma variedade portuguesa distinta em relação a outras variedades de português, como PB e PE, no tocante aos róticos intervocálicos (cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b).

Assim, a análise mostra-se relevante para o reconhecimento de PP como variedade linguística assim como para um melhor entendimento de sua fonética e fonologia, considerando que há pouca descrição a respeito de PP na literatura. Nesse sentido, esta análise também poderá trazer compreensões a respeito da macrovariedade de STP (PSTP), assim como do português em geral. Além disso, contribuirá também para o estudo da fonética e fonologia das línguas em

situações de contato. Acrescenta-se ainda que o assunto das consoantes róticas em PP é também pouco discutido, embora esta variedade apresente características que a difere de outras variedades de português (Cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b).

Esta seção apresenta uma introdução sobre a pesquisa. A sua subseção 1.1 apresentará os objetivos do estudo, com o objetivo geral e os objetivos específicos em suas subseções 1.1.1 e 1.1.2, respectivamente. Em seguida, a seção 2 descreverá os aspectos sócio-históricos e linguísticos de STP, sendo os aspectos sócio-históricos e linguísticos o foco da subseção 2.1 e o atual contexto linguístico da subseção 2.2, com descrição das línguas crioulas e da língua portuguesa em STP nas subseções 2.2.1 e 2.2.2, respectivamente. Após, a seção 3 tratará sobre contato linguístico, relacionando com o contexto de STP. Na sequência, a seção 4 apresentará a descrição dos róticos intervocálicos e em *onset* no português, sendo PB e PE o foco da subseção 4.1 e PP e PST o foco da subseção 4.2. A seção 5 descreverá a metodologia da pesquisa, sendo apresentado o *corpus* na subseção 5.1 e o tratamento, classificação e análise dos dados na subseção 5.2. A seção 6, por sua vez, se dedicará à apresentação dos resultados e à discussão dos dados. Na subseção 6.1 constarão as realizações fonéticas dos róticos intervocálicos em PP e na sua subseção 6.1.1 constarão os espectrogramas dos róticos observados em PP. A subseção 6.2 apresentará as realizações fonéticas dos róticos intervocálicos nas posições de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão e sua subseção 6.2.1 apresentará os espectrogramas dos róticos intervocálicos em PP por contexto fonológico de PB e PE padrão de ‘r fraco’ e ‘R forte’. Por fim, a seção 7 trará as considerações finais deste trabalho.

1.1 OBJETIVOS

As seguintes subseções apresentam o objetivo geral e os objetivos específicos que guiaram a realização deste estudo.

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é descrever e analisar a produção oral dos róticos intervocálicos do português principense (PP), por meio de um estudo fonético-fonológico e da perspectiva teórica do contato linguístico.

1.1.2 Objetivos específicos

- Examinar a natureza fonética variável dos róticos intervocálicos de PP.
- Fornecer compreensões sobre o sistema fonológico e mais especificamente sobre o sistema consonantal de PP.
- Discutir o estatuto fonológico dos róticos de PP, a partir de Agostinho (2016, 2017), Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b).
- Contribuir para o reconhecimento e visibilidade das variedades africanas de português e sobretudo de PP.
- Proporcionar reflexões sobre a língua portuguesa como um todo por meio da investigação de PP.
- Contribuir com os estudos de línguas em contato.

2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E LINGÜÍSTICOS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Esta seção tratará sobre os aspectos sociais, históricos e linguísticos de STP. Na subseção 2.1 constarão os aspectos gerais e processos sócio-históricos de formação da sociedade e das línguas de STP e na subseção 2.2 o atual contexto linguístico de STP, com foco nas línguas crioulas na subseção 2.3.1 e no português na subseção 2.3.2.

2.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E LINGÜÍSTICOS

As duas ilhas principais São Tomé e Príncipe com seus vários ilhéus compõem oficialmente a República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP). O arquipélago, até então desabitado, foi descoberto por portugueses no século XV e transformado em colônia de plantação, marcada por processos escravistas de povos africanos. A condição de colônia portuguesa perdurou até a independência do país, ocorrida em 12 de julho de 1975. Hoje, STP é um dos nove Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

De formação vulcânica, o país insular está situado no Golfo da Guiné, localizado na costa oeste do continente africano, e é banhado pelo Oceano Atlântico. STP está a uma distância

marítima de cerca de 300 km da costa do Gabão, área continental da África Central, e apresenta uma distância marítima entre as duas ilhas principais de cerca de 150 km. Considerado um micropaís, STP tem uma extensão territorial de em torno de 1001 km², correspondendo ao segundo menor Estado da África, ficando atrás somente de Seychelles, na África Oriental.

A maior e a mais habitada ilha é a de São Tomé, que compreende uma área de 859 km². No distrito de Água Grande em São Tomé está localizada a capital do país, também designada São Tomé. A Ilha do Príncipe figura uma dimensão territorial de 142 km² e uma menor população, cuja capital é Santo Antônio. A localização geográfica de São Tomé e Príncipe pode ser conferida na Figura 1.

Figura 1 – Mapa do Golfo da Guiné



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Golfo_da_Guin%C3%A9 (2019). Acesso em: 30 jun. 2021.

Segundo Hagemeyer (2009), a história colonial de STP é marcada por dois períodos distintos: a fase referente à habitação, nos séculos XV e XVI, relacionada ao povoamento de São Tomé e à economia açucareira; e a fase referente ao cultivo de cacau e café, entre os séculos XIX e XX.

As ilhas de STP e Ano Bom eram inabitadas antes da sua descoberta por portugueses (FERRAZ, 1978; HAGEMEIJER, 1999, 2011; SEIBERT, 2013). Contudo, as datas de sua ocupação não têm sido assumidas com exatidão, notando-se uma variação entre 1470 e 1487. Em geral, a posição comumente adotada é a de que as três ilhas foram descobertas entre 1470 e 1472 (FERRAZ, 1978).

Há autores que argumentam que a descoberta das ilhas de STP ocorreram em 1470 e 1471, respectivamente (AGOSTINHO, 2015; HAGEMEIJER; ROCHA, 2019; HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012; SEIBERT, 2013, 2014). Campos (1971 *apud* FERRAZ, 1978), contrariamente, afirma que São Tomé foi encontrada em 1478, Príncipe em 1479 e Ano Bom em 1487. Caldeira (2010) sugere que Ano Bom foi descoberta entre 1483 e 1501. Esta ilha foi doada pelos portugueses aos espanhóis em 1778 e, em 1968, ano de sua independência, passou a integrar a Guiné Equatorial (HAGEMEIJER, 1999).

O povoamento por colonizadores portugueses e escravizados africanos teve início na Ilha de São Tomé ainda na década de 1480, vinte anos depois, em 1500, ocorreu na Ilha do Príncipe e em 1503 na Ilha de Ano Bom (HAGEMEIJER, 1999; HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012; SEIBERT, 2015). Como afirma Bandeira (2017), além de escravizados, outras pessoas chegaram para habitar a Ilha de São Tomé nesse momento. Alguns destes colonizadores estavam a serviço da Coroa portuguesa, eram ligados ao comércio com a região da Guiné ou eram degredados por terem cometido crimes graves em Portugal (BRÁSIO, 1953, FERRAZ, 1979 *apud* BANDEIRA, 2017). Também, em 1500, Portugal enviava a STP crianças judias, filhas de pais que haviam sido expulsos da Espanha (FERRAZ, 1978). O número deste contingente não é muito preciso, mas o autor sugere ser em torno de 2000 crianças, das quais, por questões de insalubridade das embarcações, sobreviveram apenas cerca de 600.

Há fortes indícios históricos e linguísticos que revelam que a maior parte dos escravizados levados até São Tomé eram nativos do antigo Reino de Benim (onde hoje é a Nigéria), com quem os portugueses estabeleciam relações diplomáticas de 1493 a 1520, aproximadamente (HAGEMEIJER, 2009; HAGEMEIJER; ROCHA, 2019). De acordo com Hagemeyer (2009), documentos antigos demonstram a transferência de escravizados do Delta do Níger, como dos rios Forcados, Escravos e Formoso (atual Rio Benim), que eram relativamente próximos e localizados no limite ocidental do Delta. Nesta região de Benim falava-se a língua Edo, pertencente ao grupo Edóide.

Com base em Hagemeyer (2009), a fase de povoamento foi, desde o início, muito propícia à crioulização. O contato entre portugueses e escravizados africanos promovia a necessidade imediata de comunicação entre estes primeiros habitantes, de modo que os escravizados procuravam se aproximar da variedade linguística usada pelos portugueses. Em relação a isso, Bandeira (2017) assinala o surgimento de uma língua emergencial de comunicação entre portugueses e escravizados, o PGG, de base lexical portuguesa, que, mais tarde, expande-se e torna-se a língua primeira (L1) dos descendentes desse contato.

Segundo Ferraz (1978), em razão da separação geográfica dos habitantes, o PGG posteriormente ramificou em outros quatro crioulos, o lung'Ie, na Ilha do Príncipe, o fa d'Ambô, na Ilha de Ano Bom, e o santome e o angolar em São Tomé (BANDEIRA, 2017; FERRAZ, 1978). Quanto aos substratos das línguas em STP, o angolar teria mais características bantu, e o lung'Ie e o santome teriam mais características das línguas edo, por conta da transferência de mais escravizados do Delta do Níger a São Tomé e depois ao Príncipe (FERRAZ, 1978; BANDEIRA, 2017; HAGEMEIJER, 2009).

Segundo Seibert (2015), os objetivos da colonização portuguesa eram o estabelecimento de uma colônia de povoamento europeia, produção de açúcar, instalação de um entreposto para navegação marítima para a Ásia e propagação do cristianismo. Além disso, como argumenta Seibert (2015), a região do Golfo da Guiné ganhou relevância geoestratégica depois da construção da feitoria fortificada São João da Mina na atual Gana em 1482 e depois da chegada dos portugueses ao Congo no ano seguinte. Em relação ao negócio da Mina, Caldeira (2013) afirma que São Tomé teve o papel de base de abastecimento e de apoio de retaguarda. Esperava-se que os habitantes da Ilha contribuíssem à guarnição da feitoria com os gêneros necessários para seu sustento bem como eventualmente ao comércio da região (SEIBERT, 2013). Enquanto colônia de povoamento, São Tomé também servia para garantia de reforço em homens, armas e navios em caso de dificuldades na Costa do Ouro, de acordo com Caldeira (2013).

Segundo Hagemeijer (1999), havia na sociedade de STP dois tipos de escravizados: os “de quarto” e os “de resgate”. Os chamados escravizados “de quarto” exerciam trabalhos domésticos, rurais e de obras e tinham fixação permanente na ilha. Hagemeijer (1999) destaca que essa categoria de escravizados possivelmente era composta majoritariamente de mulheres e que teve papel importante na criouliização em STP bem como no processo de miscigenação da população. Os escravizados “de resgate”, por sua vez, eram sequestrados na costa africana e despachados na feitoria da Mina. Estes eram de caráter temporário, que em regra ficariam apenas cinquenta dias na Ilha, sendo reconhecidos como mercadoria e servindo como moeda de troca. No entanto, o tempo destes escravizados na Ilha por vezes ultrapassava o prazo esperado, por falta de embarcações, então eles se tornavam empregados em propriedades rurais para trabalho em regime temporário. Hlibowicka-Węglarz (2012) afirma que os escravizados “de resgate” também tiveram papel no processo de criouliização no contexto de STP devido sua vivência, ainda que temporária, naquela sociedade.

Como demonstra Hagemeyer (1999), a situação de São Tomé e Príncipe como entreposto atlântico para o tráfico de escravos ganha forma a partir de 1500. Após 1515, seguido de negociações com o rei de Portugal, o envio de escravizados para a Mina tornou-se exclusivo aos donatários de STP. Nesse período, São Tomé passou a funcionar como um entreposto atlântico obrigatório para o tráfico de escravizados do Golfo da Guiné, que tinha como direção os mercados da Mina e de Lisboa, bem como para mercados das Américas para trabalho nas plantações de cana-de-açúcar (HAGEMEIJER, 1999; HLIBOWICKA-WĘGLARZ, 2012).

De acordo com Seibert (2015), em razão das condições naturais favoráveis do arquipélago, foi introduzido em STP a cultura de cana-de-açúcar. O primeiro povoamento de fato permanente e em maior escala ocorreu em 1493, com a implementação de uma sociedade para o cultivo de açúcar, que requeria abundante mão de obra (HAGEMEIJER, 2009; SEIBERT, 2015). Segundo Seibert (2015), esse sistema, conhecido como *plantation*, consiste em produção agrícola em larga escala, baseada em trabalho escravo, monocultura e exportação. A indústria do açúcar seguiu até seu auge em 1580, quando houve seu declínio (SEIBERT, 2015). Nesse período de expansão da produção, aponta-se que trabalharam entre 9 e 12 mil escravizados em São Tomé (GARFIELD, 1992 apud SEIBERT, 2015). Algumas fazendas compreendiam 150 a 300 escravizados (CUNHA, 2001 apud SEIBERT, 2015).

A fase de plantação de açúcar coincide, segundo Almeida Mendes (2008 apud HAGEMEIJER, 2009; SEIBERT, 2015), com o resgate de escravizados de Congo e depois Angola, zonas Bantu, em que eram faladas as línguas kikongo e kimbundu. E em virtude da ascensão da produção de cana-de-açúcar, o número de escravizados de origem bantu aumentou rápida e significativamente, observando-se o declínio do comércio com Benim e sua então interrupção no século XVI (HAGEMEIJER; ROCHA, 2019). Com efeito, como aponta Ryder (1969 apud HAGEMEIJER; ROCHA, 2019), apenas um sexto dos indivíduos deslocados à ilha eram provenientes de Benim durante o período de 1525 a 1527. No entanto, o navegador Duarte Pacheco Pereira havia relatado em 1506 que não foram adquiridos muitos escravizados das regiões Bantu, de maneira que a maioria, entre o final do século XV e início do século XVI, vinham de Benim (HAGEMEIJER, 1999).

Estas hipóteses sobre a origem do povo são-tomense quando do período de povoamento são corroboradas por Tomás *et al.* (2002). Por meio de dados genéticos de uma amostra de indivíduos de São Tomé, estes pesquisadores constataam maior contribuição genética de Benin (52,3%) seguida de Bantu (36,4%) no DNA da população.

Cabe também ressaltar o surgimento de um novo estrato social em STP durante esse período, que contribuiu para o processo de criouliização na ilha, em função de políticas de povoamento (BANDEIRA, 2017; HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012). Cortesão (1968 apud BANDEIRA, 2017) registra que desde o início da colonização portuguesa os condenados em São Tomé recebiam uma mulher escravizada. Hlibowicka-Węglarz (2012) afirma que esta foi uma circunstância particular criada em STP pelo rei Dom Manuel, ao passo que, em outras colônias, relações com escravizadas eram proibidas. Alguns anos depois deste último decreto, Dom Manuel, em 1515, declarou livres estas mulheres antes cedidas aos condenados, bem como seus filhos mestiços, que eram então chamados de “filhos da terra” (HAGEMEIJER, 2009; HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012; SEIBERT, 2015). Segundo estes autores, dois anos mais tarde, em 1517, também os primeiros homens que vieram com os colonos foram alforriados.

Esse grupo, composto por ex-escravizados mestiços e africanos, passou a ser chamado de forros, que com o tempo adquiriram outros direitos na sociedade de São Tomé, como cargos públicos e educação formal (SEIBERT, 2015). Em relação a isso, um anônimo (1550, p. 52 apud BANDEIRA, 2017) relata que os forros “estavam frequentemente entre os mais abastados e mais poderosos dentre os moradores de São Tomé, possuindo centenas de escravos e outros empregados”. Seibert (2015) argumenta que, em virtude do reduzido número de habitantes brancos em São Tomé, que, segundo o autor, possivelmente nunca passou de 500, os mestiços e africanos livres compunham o maior grupo da população livre.

Além do mais, Hagemeyer (2009) afirma que essa camada social tenha tido fundamental importância na formação e consolidação da nova língua falada em São Tomé. Assim, o crioulo teria rapidamente se difundido para as roças, no regime de plantação, tornando-se a língua a ser utilizada pelos novos escravizados (HAGEMEIJER, 2009).

Segundo Seibert (2015), neste contexto de monocultura de cana-de-açúcar e trabalho escravo, a fuga de escravizados era recorrente. A geografia da Ilha de São Tomé, assinalada por montanhas e densa floresta, facilitou o isolamento desses escravizados fugidos, constituindo-se comunidades quilombolas no sul da Ilha (SEIBERT, 2015). Segundo o mesmo autor, esse grupo minoritário em isolamento relativo, que foi chamado de angolares, tornou-se distinto dos demais em relação a aspectos culturais e linguísticos.

A produção de açúcar atingiu seu auge no século XVI, mas no próximo século declinou rapidamente, por conta do êxodo de fazendeiros em busca de melhor qualidade do açúcar no Novo Mundo, de ameaças de outros europeus navegando pela região do Golfo da Guiné e ataques às plantações por escravizados fugidos (HAGEMEIJER; ROCHA, 2019). Seibert

(2015) nota que durante o século XVII a plantação de açúcar desapareceu em São Tomé. Extintas as grandes fazendas, predominou a escravatura doméstica, havendo propriedades com um ou dois escravizados geralmente. E, segundo Seibert (2015), com a perda da importância econômica de STP, o número de europeus no território tornou-se insignificante.

Na segunda metade do século XIX teve início a recolonização de STP. Nesse período, os portugueses implementaram a produção de café e cacau, cujas plantações foram chamadas de roças, com mão de obra escrava (SEIBERT, 2015). Segundo Nascimento (2008 apud SEIBERT, 2015), de 1855 a 1972 aumentou o número de escravizados de 4.580 (37%) da população a 8.575 (40% da população), do qual grande parte foi sequestrada da região de Gabão e alguns de Angola.

Em 1875 é aprovada a abolição da escravatura em STP. Segundo Seibert (2015), depois deste advento houve uma crise braçal em razão da recusa de ex-escravizados a trabalharem de forma assalariada nas roças. Diante disso, os portugueses recrutaram novos trabalhadores, provenientes de outras colônias portuguesas, sendo denominados serviçais ou contratados (HAGEMEIJER; ROCHA, 2009). Embora os serviçais fossem empregados mediante contratos, as disposições não eram cumpridas, e suas condições de trabalho se assemelhavam à escravatura (SEIBERT, 2015). Conforme este mesmo autor, foram contratados serviçais de Gabão, Daomé (atual Benim), Costa do Ouro, Libéria, Angola, Cabo Verde e Moçambique. E os filhos dos serviçais nascidos em São Tomé eram chamados de tongas.

Hagemeijer e Rocha (2009) afirmam que essas contratações tiveram grande efeito demográfico, de maneira que o número original de habitantes de STP dobrou rapidamente. De acordo com Nascimento (2008 apud SEIBERT, 2015), em 1900, de 42.103 habitantes em STP, 21.136 eram serviçais e apenas 19.150 eram crioulos nativos. Ainda segundo Nascimento (2008 apud SEIBERT, 2015), o número de brancos, dos quais a maioria eram portugueses, também aumentou, crescendo de 150 (1,2% da população) a 1.185 (2,8% da população) entre os anos de 1855 e 1900.

Conforme Maurer (2009), em 1900 a Ilha do Príncipe foi acometida pela doença do sono (tripanossomíase humana africana). De acordo com dados de Günther (1973 apud MAURER, 2009), apenas cerca de 300 habitantes autóctones sobreviveram, de um total de cerca de 3000. Por conta da carência de mão de obra para o trabalho nas roças, associada à referida taxa de mortalidade, as autoridades coloniais portuguesas efetuaram novas contratações de trabalhadores, providos de Angola, Moçambique, São Tomé e especialmente de Cabo Verde (MAURER, 2009). Conforme o mesmo autor, devido a esse episódio de adoecimento e às novas

contratações, que refletiram na demografia no território, não se tem dados muito claros sobre os povos originários da Ilha do Príncipe. Além disso, segundo Maurer (2009), no mesmo período se registrou o declínio do lung'le, por conta da alta mortalidade dos povos falantes da língua autóctone do Príncipe. O quadro linguístico da Ilha também se alterou devido ao surgimento de uma nova pluralidade linguística, em razão das novas variedades linguísticas trazidas com os novos contratados (MAURER, 2009).

Segundo Gonçalves e Hagemeyer (2015), a partir do segundo processo de colonização de STP constrói-se um novo panorama linguístico no país. Os autores argumentam que pelo menos até os finais do século XIX predominava o uso das línguas crioulas, estando o uso do português limitado às relações de dentro do regime colonial. Contudo, durante o Estado Novo implantou-se uma repressão linguística quanto ao uso das línguas crioulas (GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015). Assim, ao longo do século XX o português foi se tornando a principal língua veicular, tendo esse processo se acentuado depois da independência de STP, quando o português se consolidou como L1 majoritariamente. Em relação a este processo, destacam-se como fatores a escolha do português como única língua oficial exclusiva, a massificação da escolarização em português e o aumento da mobilidade social (GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015).

2.2 ATUAL CONTEXTO LINGUÍSTICO DE STP

Como antecipado nas seções anteriores, o português é a língua oficial de STP, trazido com os colonizadores portugueses por volta do século XV. Junto dele coexistem outras quatro línguas, três autóctones, o santome (ou forro), angolar, lung'le (ou principense), e uma transplantada, o kabuverdianu. As autóctones, embora geneticamente relacionadas, atualmente não são inteligíveis entre si (AGOSTINHO, 2015). Conforme já apontado por estudos sobre STP, no país há variedades portuguesas próprias e singulares, que se diferem da norma padrão europeia circulante nos domínios formais, em função do uso e contato com as outras línguas locais (Cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES; 2020a, 2020b; ANTUNES DE ARAUJO; MACEDO BALDUINO, 2019; BALDUINO, 2018; BALDUINO; ARAUJO; AGOSTINHO; BANDEIRA, 2021; GONÇALVES, 2010; SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020; CHRISTOFOLETTI, 2013, entre outros). No seguimento desta subseção serão elencados mais detalhes acerca das línguas faladas em STP.

2.2.1 Línguas crioulas em STP

Devido ao contato direto entre colonizadores portugueses e escravizados de diversas regiões africanas na Ilha de São Tomé, surgiu uma língua de caráter emergencial de comunicação, o PGG, de base lexical portuguesa (FERRAZ, 1978; BANDEIRA, 2017; HAGEMEIJER, 2009).

De acordo com estes autores, posteriormente, em função do deslocamento geográfico de indivíduos dentro da própria Ilha de São Tomé e entre as demais ilhas do arquipélago, Príncipe e Ano Bom, essa protolíngua passou por especiação, resultando nos conhecidos crioulos do Golfo da Guiné: santome (ou forro), angolar, lung'le (ou principense) e fa d'Ambô. As duas primeiras línguas são faladas na Ilha de São Tomé, a terceira na Ilha do Príncipe e a última na Ilha de Ano Bom (AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017; FERRAZ, 1978; HAGEMEIJER, 2009). Conforme estes mesmos autores, além das línguas autóctones de STP, também é falado no Príncipe o kabuverdianu, transplantado de Cabo Verde ao longo do processo de colonização das ilhas de STP. Além disso, o quadro linguístico de cada língua varia, tanto em relação ao número de falantes quanto à sua condição de aquisição, como língua primeira (L1) ou língua segunda (L2) (AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017; CHRISTOFOLETTI; ARAUJO, 2019; HAGEMEIJER, 2009; MAURER; 2009).

Mais especificamente sobre as línguas faladas em STP, conforme Bandeira (2017), até a independência de STP, em 1975 o santome (ou forro) era a língua mais falada no país, posição depois assumida pelo português. Segundo a mesma autora, atualmente o santome é a língua mais falada dentro do grupo das línguas autóctones, sendo muito associada aos costumes tradicionais da etnia forra. Também é a língua que desfruta maior prestígio social, por conta do *status* social adquirido pelos mestiços, denominados forros, ao longo do período sob dominação portuguesa, quando passaram a ser proprietários de terras e escravizados (LORENZINO, 1996). De acordo com o Censo de 2012, o santome compreende 62.707 falantes em STP, do número total de 173.015 habitantes, representando 36,2% da população.

Sobre o angolar, seu maior número de falantes vive atualmente no distrito de Caué (AGOSTINHO, 2015), seguido do distrito de Lembá e de demais regiões próximas à cidade de São Tomé (CEITA, 1991 apud BANDEIRA, 2017). Conforme o Censo de 2012, há 11.377 falantes de angolar em STP, o que representa 6,6% da população.

Segundo o Censo de 2012, o kabuverdianu é falado por 8,5% da população, que corresponde 14.654 falantes, sendo a língua mais falada no Príncipe, estando atrás somente do português. Conforme Bandeira (2017), isto se deve ao grande número de descendentes de trabalhadores cabo-verdianos contratados no final do século XIX e começo do século XX em STP, relacionado também à estreita relação entre a identidade cabo-verdiana e o crioulo (GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015).

Também de acordo com o Censo de 2012, o lung'le apresenta 1.753 falantes, o que corresponde a 1% da população. Günther (1973 apud AGOSTINHO, 2015), em sua época de publicação, afirmou que o lung'le era uma língua ameaçada e que ela estava sendo substituída pelo santome e pelo português. Segundo o autor, tal declínio do lung'le estaria associado ao advento da epidemia do sono ocorrida no Príncipe, que causou alta taxa de mortalidade de habitantes. A contratação de novos trabalhadores de Angola, Moçambique, São Tomé e, principalmente, de Cabo Verde, para suprir a queda do número da força braçal para as roças, também cooperou para o declínio do lung'le. Maurer (2009) argumenta que o lung'le não apresenta uma comunidade de fala homogênea, de modo que os poucos nativos desta língua vivem espalhados pela Ilha do Príncipe. Ainda conforme Maurer (2009), para suas necessidades diárias os falantes de lung'le têm preferência pelo uso do português ou do kabuverdianu.

2.2.2 Língua portuguesa em STP

Segundo o Censo de 2012, o português é falado em STP por 98,4% da população, que equivale a 170.223 habitantes. Oficial desde a independência do país, é a língua de prestígio, sendo utilizada nos âmbitos formais, como Estado, mídia e educação (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010). Segundo Balduino (2018), o português representa a língua de *status* social elevado já desde o período de colônia portuguesa. A autora afirma que isso se deve tanto à origem colonial europeia como também à sua longa e estável tradição escrita.

Assim, devido à sua hegemonia nas esferas burocráticas do país e à sua ampla divulgação e utilização, o português em STP exerce pressões às línguas nativas que não apresentam o mesmo *status* social. De acordo com Bandeira (2017), até a independência de STP, as línguas nacionais eram adquiridas como L1 pela população. Depois desse advento, o português tomou este posto, passando a ser a língua materna da população. Como argumentam Gonçalves e Hagemeijer (2015) e Araujo e Agostinho (2010), a inexistência de políticas

linguísticas concretas pró-crioulas corroboram a hegemonia do português e, conseqüentemente, a desvalorização das línguas crioulas.

Santiago e Agostinho (2020) sugerem que tanto PP quanto PST são variedades distintas, que decorre do uso e contato com as demais línguas locais. Dessa forma, o PSTP, na condição de macrovariedade portuguesa, é marcado ainda por diferenças dialetais entre PP e PST, além de diferenças de outras variedades portuguesas (SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020).

Agostinho, Bandeira e Freitas (2020) destacam as problemáticas na esfera escolar de STP em relação ao português, considerando o ensino da norma padrão europeia, embora estudantes e professores façam uso de uma outra variedade de português. As autoras afirmam que, em razão das diferenças estruturais entre as variedades portuguesas circulantes em STP, a norma vernacular de PP e PST e a norma padrão de PE, gera-se uma falsa dicotomia entre certo e errado. Segundo Agostinho, Bandeira e Freitas (2020), a variação linguística existente entre essas variedades é apenas entendida pelos vieses de “correto” e “incorreto”.

3 CONTATO LINGUÍSTICO

Para Thomason (2001, p. 1), a definição de contato linguístico pode ser genericamente “o uso de mais de uma língua no mesmo lugar e ao mesmo tempo”. Segundo a autora, situações de contato não se tratam necessariamente de bilinguismo fluente ou multilinguismo, isto é, quando algumas pessoas usam mais de idioma, mas sim de contato entre falantes de diferentes línguas, que envolvam interação de fato entre os falantes. Contudo, essa definição de contato linguístico é considerada simplista pela própria autora, na medida em que se assume que o contato das duas ou mais línguas envolvidas são determinadas pelo espaço. Nesse sentido, Thomason (2001) afirma que a interação entre os falantes pode não se dar necessariamente no mesmo lugar e face a face, mencionando os casos das mídias, como rádio, televisão e internet.

Ao olhar para o curso da vivência humana, Thomason (2001) aponta que o contato linguístico é um acontecimento frequente dentro das sociedades, possivelmente desde o período da pré-história. Dessa forma, não é difícil pensar em sociedades, mesmo que recentes, que não apresentaram deslocamentos de pessoas, sejam para fins pessoais, sejam para fins de comércio, exploração ou colonização, indo tanto a locais habitados quanto desabitados (THOMASON, 2001).

De acordo com Thomason (2001), o resultado mais comum do contato linguístico é a mudança em uma ou mais das línguas envolvidas. Por meio de interferências linguísticas, essas

mudanças podem ser tanto no nível lexical, quanto fonológico, morfológico, sintático ou semântico.

Thomason (2001) afirma que o primeiro preditor social de mudança linguística por contato é a intensidade desse contato. Assim, quanto mais intenso for o contato linguístico, mais tipos de interferências linguísticas podem ocorrer nas línguas envolvidas nesse processo. No entanto, a autora argumenta que essa intensidade é difícil de definir com exatidão, mas que em geral está relacionada à pressão cultural exercida por um grupo de falantes sobre outro. Segundo Thomason (2001), outro aspecto intrínseco à noção de intensidade está associado à duração do período da interação. Assim, quanto mais tempo durar o contato entre dois ou mais idiomas, maiores serão as chances e a extensão de interferências nos sistemas linguísticos (THOMASON, 2001). Outra implicação para mudança linguística decorrente de contato descrita por Thomason (2001) é o tamanho dos grupos falantes envolvidos nestas situações, de maneira que o grupo falante menor tende a adquirir características linguísticas do grupo maior. Além disso, outro aspecto determinante e o mais importante para mudança linguística por contato, segundo Thomason (2001), é o domínio socioeconômico exercido por um dos grupos linguísticos envolvidos no contato. Nesse sentido, ainda que o grupo de maior poder socioeconômico seja menor em comparação com o outro grupo, a tendência é a de que o grupo de menor poder socioeconômico seja o subordinado nesta relação, adquirindo características da língua do grupo dominante (THOMASON, 2001). Como notado anteriormente, este era o cenário de STP enquanto colônia portuguesa, devido à dominação social, econômica e cultural do grupo dos colonizadores portugueses, ainda que minoritário, sobre o grupo de africanos sequestrados para trabalho escravo nas ilhas de STP, que era majoritário.

Nesse sentido, a língua portuguesa foi imposta aos africanos escravizados, atuando como língua lexificadora para a formação da protolíngua de contato entre os primeiros habitantes, o PGG, tendo as variedades africanas servido como substrato para este surgimento. Além disso, o processo de pressão social, econômica, cultural e linguística continua ocorrendo, considerando o prestígio da língua portuguesa a despeito das línguas crioulas locais.

Nessa direção, Thomason (2001) destaca que em algumas situações de contato há grupos que não aprendem cada um a língua do outro grupo, seja por vontade própria ou por impossibilidade de aprendê-la. Neste tipo de situação pode surgir, segundo Thomason (2001), um *pidgin*, para usos limitados, ou um crioulo, como o idioma principal de uma comunidade. Segundo a autora, *pidgins* e crioulos podem ser considerados como resultado de um contato

extremo de variedades linguísticas, que, no caso de STP, são o PGG e suas línguas-filhas, lung'le, santome e angolár.

Muysken e Smith (1994) afirmam que línguas *pidgin* e crioulas são assuntos de muito debate entre os pesquisadores. Para Muysken e Smith (1994), uma língua crioula se refere a uma língua que surgiu em um específico ponto do tempo. As línguas não crioulas, pelo contrário, são decorrentes de estágios de desenvolvimento graduais, incluindo mudanças menos radicais ou mais sutis. Os autores acrescentam que línguas crioulas são resultado de uma “violência linguística” e social e envolvem uma ruptura do desenvolvimento natural de uma língua, que ocorreria de geração a geração historicamente.

Muysken e Smith (1994) afirmam que línguas crioulas não são classificáveis a partir de suas características linguísticas, apesar de muitas delas apresentarem pontos em comum. O que as distingue das línguas não crioulas, segundo os autores, é a sua história tanto linguística como social, incluindo da língua lexificadora. Em contrapartida, há outros autores que consideram que línguas crioulas podem ser reconhecidas apenas pela sua estrutura linguística, mesmo sem conhecimento prévio de sua história social. Nesse sentido, as mudanças linguísticas que ocorrem na formação dessas línguas seriam decorrentes do contexto de contato linguístico extremo em que surgiram (DAVAL-MARKUSSEN; BAKKER, 2017; MCWHORTER, 2014, entre outros). Segundo Muysken e Smith (1994), línguas crioulas surgem a partir de um ambiente em que há uma língua de prestígio e outras sem prestígio e que seu léxico é composto majoritariamente da de prestígio (língua lexificadora), mas não somente, e sua gramática abrange aspectos das línguas de substrato, da língua lexificadora e aspectos universais.

Arends (1994) cita três tipos de crioulos, sendo crioulos de plantação, crioulos de forte e crioulos *maroons*. Os casos de crioulos de plantação referem-se a contextos sócio-históricos de trabalho em grande escala em que se utilizava de mão de obra escrava ou de contratados; os crioulos dos fortes se desenvolveram em regiões de postos fortificados; e os contextos *maroons* de surgimento de crioulos estão relacionados a escravizados fugidos das plantações que posteriormente formaram sua própria comunidade de forma isolada e longe da colônia.

Com base em Myers-Scotton (2002 apud AGOSTINHO, 2015), são necessários alguns elementos sócio-históricos para a formação de *pidgins* e crioulos. Os primeiros são falantes de línguas ininteligíveis entre si em contato num sistema *plantation* isolado. Devido à necessidade de se comunicarem, é preciso uma língua franca, contudo, as línguas dos escravizados não têm número de falantes suficiente para ser escolhida como tal ou não há um grupo majoritário com prestígio suficiente para impor sua língua como franca. A outra opção seria a língua dos

colonizadores, que apresentava maior prestígio. Pelo fato de os escravizados não passarem muito tempo com os colonizadores, não tinham muitas oportunidades para adquirir a língua, dessa forma, a transmissão era frequentemente irregular. Então, objetivava-se criar uma língua para ampliar a comunicação entre esses falantes. Tais elementos, acrescidos o ambiente ‘ilha’, a violência do sistema escravista, que apresentava mínima chance de movimentação dos indivíduos, as imposições linguísticas e culturais do colonizador, a multiplicidade linguística e criatividade dos falantes fizeram de STP um contexto ideal para o surgimento de línguas crioulas. Ademais, Holm (1988 apud AGOSTINHO, 2015) ressalta que *pidgins* e crioulos são línguas novas, e não versões erradas das línguas dos colonizadores.

4 RÓTICOS EM PORTUGUÊS

Em virtude de processos sócio-históricos transcorridos e os até então atuantes em STP, conforme discutido na seção 2, o quadro linguístico de STP é essencialmente diverso (AGOSTINHO, 2015, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b; ARAUJO; AGOSTINHO, 2010; BALDUINO, 2018; BANDEIRA, 2017; HAGEMEIJER, 1999, 2009; SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020; SEIBERT, 2015, entre outros). Como afirmam Santiago e Agostinho (2020), este ambiente multilíngue de STP influencia na variedade portuguesa falada no país.

Assim considerando, a literatura sobre o PSTP tem destacado a distinção dessas variedades em comparação com outras variedades portuguesas, a citar PB e PE padrão (AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b; BOUCHARD, 2017; BRANDÃO; PESSANHA; PONTES; CORRÊA, 2017; BALDUINO, 2018; CHRISTOFOLETTI, 2013; SANTIAGO; BALDUINO; AGOSTINHO; SOARES, no prelo, entre outros). Ademais, também se tem sugerido que o português falado nas duas ilhas diferem-se entre si (Cf. SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020).

No entanto, ao passo que as variedades brasileira e europeia têm apresentado considerável descrição e análise linguística, as investigações que abordam as variedades africanas de português são até agora escassas. É de se assinalar a este respeito que as variedades de STP, assim como de Cabo Verde e Guiné-Bissau, são as menos conhecidas e compreendem, de maneira geral, produção acadêmica mais recente (HAGEMEIJER, 2016). Inclusive, este mesmo autor salienta que poucos estudos investigaram de forma sistemática a fonética e a fonologia destas variedades, de modo que a literatura tem se concentrado nas áreas de sintaxe

e morfossintaxe. O português do Príncipe, sobretudo, tem sido menos privilegiado em comparação com o de São Tomé, conforme destacam Santiago e Agostinho (2020). O comportamento dos róticos dessas variedades também é pouco explorado.

Assim, esta seção, com seus 2 subtópicos, revisitará a literatura de PB, PE, PP e PST em relação aos róticos na posição intervocálica. Os estudos que serão focalizados tratam sobre os róticos nesse contexto ou, quando ele estiver ausente na pesquisa abordada, será analisado o contexto de *onset* simples de início de palavra.

4.1 RÓTICOS EM PB E PE

Uma quantidade considerável de literatura foi publicada sobre as consoantes róticas em PB e PE. Quanto ao tema trabalhado neste estudo, verificam-se duas posturas teóricas sobre os róticos no contexto intervocálico. Uma delas defende a existência de somente um fonema rótico em PB e PE (Cf. ABAURRE; SANDALO, 2003; CAMARA JR., 1953; MATEUS; D'ANDRADE, 2000), e a outra defende a existência de dois fonemas róticos nestas variedades (BISOL, 2014; CAMARA JR., 2017; MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI; REDENBARGER, 2016; TEYSSIER, 2014), devido ao contraste intermediário nessa categoria (cf. HALL, 2013; HUALDE, 2004).

Uma das primeiras pesquisas no campo dos róticos em PB foi realizada por Camara Jr. (1953). De viés estruturalista, Camara Jr. (1953) avalia a questão fundamentado no sistema consonantal latino. Nesse estudo, o autor assume apenas um fonema rótico em PB, o 'R forte', representado pela vibrante alveolar /r/. Esse fonema teria o "r brando", o *tap* [ɾ], como alofone posicional enfraquecido entre vogais, e a fricativa velar [x] em variação livre. Sua proposta é a de que a vibrante alveolar, como 'R forte', ocorre em início de palavra e em coda. Já intervocalicamente ocorre como 'R forte' se for geminada fonologicamente ou como 'r fraco', por meio de *tap*, se for não geminada em ambiente intervocálico enfraquecido.

Segundo Camara Jr. (1953), no latim havia um 'r' simples e um 'rr' geminado. Por meio deste, que compreendia a união de duas consoantes idênticas, estabelecia-se a oposição entre *ferum* (feroz) e *ferrum* (ferro) ou *agger* (colina) e *ager* (campo), por exemplo. Assim, Camara Jr. (1953) ressalta que o rótico latino não consistia em um 'r' longo ou múltiplo em contraste com um 'r' simples, mas sim em duas consoantes idênticas entre as quais recai a fronteira silábica como qualquer outra gemação. Dito isso, o autor menciona que houve ao

longo da história da língua dois processos fonológicos em relação ao quadro consonantal: o enfraquecimento das consoantes simples e a simplificação das geminadas.

Camara Jr. (1953) afirma que o enfraquecimento do ‘R forte’ no contexto intervocálico reflete outras ocorrências semelhantes de evolução de consoantes simples do latim até o português. Por exemplo, Camara Jr. (1953) cita os casos das consoantes surdas que se tornaram sonoras (*lacum*>lago), a síncope de consoantes sonoras (*pedem*>pé) e enfraquecimento de /b/ para /v/ (*faba*>fava). Quanto ao rótico na posição de ‘R forte’, por sua vez, seria representado pela vibrante alveolar latina, que é mantida no português, assim como outras consoantes, em posição inicial de palavra ou medial não intervocálica (rei, genro), correspondendo à geminada (erra).

Conforme Camara Jr. (1953), o processo de anulação fonética de elemento consonantal geminado característico do latim também continua em português. Como exemplos dessa regra são os casos de ‘amá-lo’, ‘fazê-lo’, nos quais ‘rl’ se torna ‘ll’ e, após simplificação, passa a ser somente ‘l’. O autor argumenta que o primeiro elemento geminado pós-vocálico só permanece em casos de delimitação vocabular, como se vê em ‘ar roxo’ e ‘arrocho’. O rótico pós-vocálico daquele é perceptível por causa da delimitação vocabular, e neste, embora o rótico pós-vocálico permaneça, não é realizado foneticamente, atuando apenas na manutenção do som ‘R forte’ seguinte fonologicamente.

Entretanto, em sua obra publicada originalmente em 1970, Camara Jr. muda de perspectiva teórica, passando a considerar dois fonemas róticos em português. Camara Jr. (2017) assume a oposição fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em contexto intervocálico em PB, que distingue os pares ‘erra’ e ‘era’, ‘carro’ e ‘caro’, por exemplo. Nos demais contextos, Camara Jr. (2017) afirma haver neutralização dos fonemas. Segundo o autor, essa distinção ocorre por meio das realizações de vibrante alveolar [r], fricativa velar [x], fricativa uvular [χ] ou fricativa glotal [h] para ‘R forte’ e *tap/flap* alveolar [ɾ] para ‘r fraco’.

Quanto às demais posições, Camara Jr. (2017) argumenta que em frente a uma sílaba cuja coda é preenchida por uma vogal nasal (genro, honra) se realiza como ‘R forte’, considerando que a vogal nasal se comporta como uma consoante. Entre ditongo e vogal (Laura, europeu), o autor entende que a propriedade fonológica de ‘r fraco’ é mantida e concebe a semivogal do ditongo como um alofone assilábico de uma vogal, mesmo fonologicamente, e não como uma consoante. Já entre consoante e vogal, bem como em posição inicial de palavra, segundo o autor, ocorre apenas ‘R forte’ (Israel, rato).

Camara Jr. (2017) também afirma que a alofonia do ‘R forte’ em PB está em variação livre. Isto é, a consoante apresenta realização variada na língua condicionada a fatores sociais e/ou geográficos, e não a linguísticos, como ambiente fonético. Segundo o autor, as variantes róticas livres de PB estão associadas a variações diacrônicas e a regras de mudanças fonológicas em andamento. Desse modo, Camara Jr. (2017) designa a variação do ‘R forte’ em PB como uma mudança linguística em andamento, edificada pela transferência da articulação anterior, junto aos dentes, para a articulação posterior, a partir do véu palatino.

Da perspectiva da análise gerativista, Abaurre e Sandalo (2003) retomam Camara Jr. (1953) e corroboram sua hipótese inicial de apenas um fonema rótico em PB, representado pela vibrante alveolar /r/ em subjacência. Na mesma linha de Camara Jr. (1953), as autoras postulam que esse fonema sofre enfraquecimento entre vogais. Além disso, propõem que ocorre a perda do traço de continuidade em contexto intervocálico, que transforma a vibrante alveolar [r] em *tap* alveolar [r]. Quanto a este processo, as autoras se baseiam no Princípio de Contorno Obrigatório de McCarthy (1986), segundo o qual elementos adjacentes idênticos são proibidos. Assim, para essas autoras, o ‘R forte’ é um epifenômeno de dois fonemas idênticos adjacentes, um em coda e outro em *onset*, que não se superficializam. As autoras situam esta hipótese no âmbito de outros estudos de línguas ibéricas, tais como Harris (1969, 2002) sobre o espanhol¹, no sentido de que este seria epifenômeno presente nessa família de línguas, pensando-se no princípio gerativista da naturalidade, de forma que um fenômeno natural deve ser frequente.

As autoras também se apoiam no princípio da simplicidade gerativista, que, na fonologia, preza pelo menor número de traços fonológicos. Para tanto, as autoras lançam mão da geometria de traços, especificamente da Teoria do Articulador, de Halle (1995) e Halle, Vaux e Wolfe (2000), que estabelece a hierarquia de traços a partir da fonética articulatória. À luz desse modelo teórico, Abaurre e Sandalo (2003, p. 161) traduzem a proposta de Chomsky e Halle (1968) acerca dos róticos para uma representação da perda do traço de continuidade da vibrante alveolar que se transforma em *tap*.

Como evidência de sua tese, Abaurre e Sandalo (2003) analisam o comportamento rótico no caso de delimitação vocabular de ‘mar’ e ‘mar azul’ nos dialetos de PB que realizam ‘R forte’ como fricativa. Nesse caso, o ‘R forte’ originalmente do contexto de coda é realizado

¹ Os róticos intervocálicos no espanhol também são tratados por Hualde (2004). Este autor assume que os róticos neste idioma apresentam um contraste fonológico limitado, a partir da distinção originária do latim ente um rótico simples e outro geminado. Segundo Hualde (2004), o espanhol tem um “contraste robusto” em contexto intervocálico, como em caro:carro, por meio de *tap* e vibrante. Nas demais posições, silábicas há neutralização deste contraste, que pode ser manifestado por meio de *tap*, vibrante ou outra variante rótica (HUALDE, 2004).

como *tap* após a junção de palavras em que o rótico passa a estar em contexto intervocálico. As autoras endossam a proposta da vibrante alveolar subjacente ao considerar o comportamento dos falantes de ênfase em relação à posição de *onset* complexo, como em ‘pra’, em que o rótico pode ser pronunciado como vibrante alveolar. Assim, na posição de *onset* complexo a vibrante também perde seu traço de continuidade, que, no entanto, pode ser recuperado em situações de ênfase (ABAURRE; SANDALO, 2003).

Para outra direção aponta Bisol (2014)², que assume dois fonemas róticos em PB, ‘r fraco’ e ‘R forte’. De acordo com sua análise, na posição intervocálica esses elementos distinguem significados, tais como de ‘caro’ e ‘carro’, ‘era’ e ‘erra’. Na posição de início de palavra (rato, honra) ocorre a “vibrante forte”, independentemente da sua realização fonética. Em posição pós-vocálica (carne, mar), que é o contexto de maior variação, predomina a realização de “vibrante simples” em dialetos do Sul.

Teyssier (2014, p. 54)³, em estudo sobre a evolução fonética de PE, argumenta que o idioma sempre teve oposição fonológica em contexto intervocálico entre um ‘r fraco’ (“uma vibração”) e um ‘R forte’ (“várias vibrações”), como caro:carro. Nas demais posições silábicas, segundo o autor, há apenas um fonema rótico, que em posição de *onset* complexo e coda (três, parte) é realizado como ‘r fraco’, e em posição de *onset* absoluto e *onset* medial precedendo na última sílaba uma semivogal, vogal nasalizada ou consoante o rótico é realizado como ‘R forte’ (ramo, melro, tenro, Israel).

De acordo com Teyssier (2014), até determinado ponto na história ambos os fonemas eram realizados foneticamente no mesmo ponto de articulação. O fonema ‘r fraco’ era pronunciado por meio de uma só batida nos alvéolos dentários e o ‘R forte’ por meio de várias batidas. No entanto, segundo Teyssier (2014), no decorrer do século XIX surge a pronúncia de ‘R forte’ na “articulação uvular”, enquanto que o ‘r fraco’ manteve sua articulação original. Teyssier (2014) apresenta o relato de Gonçalves Viana (1883) que constata o aparecimento desta nova articulação, passando a ser usada por alguns falantes e observando variação individual.

Mateus e d’Andrade (2000), em sua descrição sobre a fonologia de PE e PB, argumentam que há apenas um fonema rótico nestas variedades, o *flap* /t/. Para os autores, a ocorrência dos róticos é previsível em fronteiras de palavra. Realiza-se ‘R forte’ em início de

² Obra originalmente publicada em 1996.

³ Obra originalmente publicada em 1980.

palavra, como ‘roda’ [ˈrɔdɐ], início de sílaba cujo final da sílaba anterior há consoante, como ‘desregrado’ [disreˈgradɔ], ou antes de vogal nasalizada em final de sílaba anterior, ‘honra’ [ˈõɾɐ]. Ocorre /r/ em final de palavra, como ‘perto’ [ˈpɛrtɔ], final de sílaba, ‘sardinha’ [sarˈdinhɐ] ou em encontro consonantal da mesma sílaba, ‘atributo’ [atriˈbutɔ] (MATEUS; D’ANDRADE, 2000).

Na análise dos autores, o [R] intervocálico e em demais posições silábicas ocorre em PE e PB razão da existência de dois róticos subjacentes, sendo um /r/ na coda da sílaba anterior e outro no início da segunda sílaba. Assim, apesar da diferença de significado, o par ‘caro’ [ˈkarɔ] e ‘carro’ [ˈkarɔ] seria representado fonologicamente por /ˈkaro/ e /ˈkarro/. Dessa maneira, o /r/ da segunda sílaba acarreta a realização de ‘R forte’ e o primeiro /r/ é apagado. Como justificativa de sua hipótese, os autores utilizam das noções de peso silábico e afirmam que palavras com vibrante entre vogais não podem ser proparoxítonas pois a penúltima sílaba apresenta uma consoante final, com coda, sendo, portanto, uma sílaba pesada.

Quanto às realizações fonéticas em PE, segundo Mateus e d’Andrade (2000), a vibrante uvular [R] coexiste nesta variedade com a fricativa uvular sonora [ʁ] ou surda [χ] e a vibrante alveolar [r]. Os autores propõem que a fricativa uvular sonora [ʁ] tende a ser predominante em PE, no entanto, em seu estudo utilizam a representação de ‘R forte’ por meio da vibrante uvular [R], alegando que é o lugar da produção, não a estridência, que distingue ‘r fraco’ e ‘R forte’.

Massini-Cagliari, Cagliari e Redenbarger (2016) compreendem dois fonemas róticos em PB, com as realizações [h, x] (as mais frequentes) para ‘R forte’ e [r] para ‘r fraco’, que contrastam em posição intervocálica e estão em distribuição complementar nos demais contextos. Segundo os autores, esse contraste é percebido na ortografia, utilizando-se um único rótico <r> para representar [r] e dois róticos <rr> para representar [h, x], como se nota em caro:carro. Em relação às demais posições silábicas, Massini-Cagliari, Cagliari e Redenbarger (2016) afirmam que ocorre ‘R forte’ em início de palavra (‘roda’) e início de sílaba depois de um elemento não-vocoide (Israel). O ‘r fraco’ surge, além de entre vogais, como membro de *onset* complexo (prato). Em PE, os autores afirmam que na posição de ‘R forte’ a pronúncia histórica original de vibrante alveolar [r] se tornou a vibrante uvular [R]. Considerando a dificuldade para realização desta variante pela vibração, segundo os autores, a fricativa uvular [ʁ] se tornou mais comum.

4.2 RÓTICOS EM PP E PST

Há uma série de autores que observaram um comportamento distinto daquele encontrado em PB e PE padrão em relação aos róticos intervocálicos em PP e PST, como será discutido a seguir. Em relação a esta distinção, Agostinho (2016) argumenta que não há oposição fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PP e PST. Trabalhos posteriores, como Agostinho (2017), Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) partem desse pressuposto.

Serra⁴ analisa dados de ortografia de 62 estudantes do 2º ano do ensino médio, de 16 a 20 anos e residentes em Santo António, na Ilha do Príncipe, dados esses foram coletados durante o ano letivo de 2013/14. O autor verificou que os alunos escreveram algumas palavras com sons róticos utilizando o dígrafo <rr> no lugar do único <r>. Ou seja, grafaram ‘R forte’ em posição de ‘r fraco’, produção não esperada conforme norma padrão portuguesa ensinada nas escolas de STP. Tal ocorrência pode ser observada nos seguintes dados:

- (1) A proposta final *parrece* a melhor para Príncipe
- (2) *Parra* nós é melhor ter *turismo* com mais condição.
- (3) O Príncipe tem coisa muito *parrecidas* com outros países.
- (4) Mandou-lhes *emborra* depois de explicar a proposta.
- (5) O *turismo* traz *turrista* para economia e trabalho para pessoas.

Na discussão de seus dados, Serra⁵ afirma que a variação encontrada em PP tem caráter “aleatório”, o que não permite definir uma realização padrão passível de ser classificada. O autor também afirma que a realização de ‘R forte’ na posição de ‘r fraco’, tanto na pronúncia quanto na escrita em PP, trata-se de uma “confusão”, que surge por influência das línguas crioulas e seu papel de substrato quando da aquisição do português (Cf. AGOSTINHO; MENDES, 2020). Segundo Serra, essa é uma “confusão global” verificável tanto no Príncipe

⁴ SERRA, Aníbal. **Português na Ilha do Príncipe**: apresentação de desvios linguísticos na expressão escrita de alunos do ensino secundário. Universidade de Évora, Évora. [2015?]. Não publicado.

⁵ SERRA, Aníbal. **Português na Ilha do Príncipe**: apresentação de desvios linguísticos na expressão escrita de alunos do ensino secundário. Universidade de Évora, Évora. [2015?]. Não publicado.

quanto em São Tomé, que torna o português falado no país distinto de demais variedades de português.

Agostinho (2016, 2017) postula que há variação fonética rótica em contexto intervocálico em PP e PST e que ela se deve à ausência de distinção fonológica entre ‘r fraco’ ‘R forte’, fonemas róticos da norma padrão de PB e PE padrão. Os dados da autora demonstram que os róticos em PP e PST, *tap* [r], fricativa uvular [ʁ] e vibrante alveolar [r] na posição de *onset* estão em variação e que o significado das palavras é apreendido pelo contexto de fala.

Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) investigam o status fonológico dos róticos em PP por meio de experimentos com dados orais e escritos e de análise computacional de carga funcional dos fonemas do português padrão. Seus resultados corroboram a hipótese de Agostinho (2016, 2017), de que em PP não se distingue ‘r fraco’ e ‘R forte’, ou seja, não há distinção entre ‘caro’ e ‘carro’, por exemplo, e argumentam que isso é resultado de uma fusão dos dois fonemas róticos de PE em PP. Como causas desse processo, os pesquisadores corroboram a hipótese de Agostinho (2016, 2017) da influência do contato linguístico do português com as línguas crioulas faladas na região. Também, acrescentam que fonemas com baixa carga funcional, isto é, baixa capacidade de distinguir palavras em uma língua, no caso, os róticos no sistema fonológico do português, tendem a se fundir em situações de contato.

Com relação aos experimentos de fala, Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) verificaram que os falantes de PP não distinguem ‘r fraco’ e ‘R forte’ e que o significado das palavras é apreendido pelo contexto de fala. Nos experimentos de produção escrita também se verificou a ausência de distinção fonológica em PP. Além disso, constatou-se que o conhecimento do significado das palavras pelo contexto no ditado das sentenças não influenciou na precisão da ortografia conforme norma do PE. Em dados numéricos, os autores identificaram 69% de desvio ortográfico para <rr> (como ‘fora’ ao invés de ‘forra’) e 19% de <r> (como ‘ferre’ ao invés de ‘fere’) nas palavras soltas. No caso das sentenças, registraram-se 70% de desvio ortográfico de <rr> e 30% de <r>. Com isso, constata-se o predomínio do ‘r fraco’ na produção escrita dos alunos analisados por Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b). Depois, testou-se a carga funcional dos róticos em português por meio de uma análise computacional e comparou-se com a carga funcional de outras consoantes do português. Como resultado, os autores observaram baixa carga funcional dos fonemas róticos intervocálicos ‘r fraco’ e ‘R forte’ do português padrão (374), ficando somente atrás de /ʎ, l/ (360) e /f, v/ (327). Assim, os autores concluem que o contraste dos róticos em português é limitado, em virtude de

o contraste ocorrer exclusivamente na posição intervocálica, sendo neutralizado nas demais posições silábicas.

Diante disso, a tese de Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) é a de que contrastes “quase-fonêmicos” de baixa carga funcional tendem a se fundir em línguas que estão situações de contato intenso com variedades que tem apenas um fonema rótico, que é o caso de PP. Observação semelhante pode ser aplicada, por exemplo, segundo os autores, a variedades de PB em contato com variedades italianas e germânicas, que possuem somente um fonema rótico, resultando em perda dos dois fonemas. Os autores acrescentam que o mesmo pode ser discutido a respeito do espanhol em Ano Bom, na Guiné Equatorial, que está em contato com o fa d’Ambô, crioulo geneticamente relacionado aos crioulos de STP (Cf. LIPSKI, 1986, 2002, 2004), bem como a respeito do português em Moçambique, em contato com línguas bantu (BRANDÃO; PAULA, 2017).

A ortografia dos róticos intervocálicos em PP e sua relação com a educação foram discutidos por Agostinho e Mendes (2020). As autoras atestam a ausência de distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PP, ao analisarem dados de escrita em PP, mesmo corpus de pesquisa da produção escrita utilizado por Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b). Segundo as autoras, essa produção variável dos róticos no contexto intervocálico na ortografia em PP é também verificável em estudos de ortografia sobre variedades de PB que têm contato com línguas com apenas um fonema rótico (Cf. MARTINS, 2013; SILVA, 2015). Contudo, Agostinho e Mendes (2020) salientam que a ocorrência de <rr> para <r> nestas pesquisas de PB é mínima (cerca de 1%), enquanto que em PP verificou-se 19% e 30% em palavras soltas e sentenças, respectivamente.

Agostinho e Mendes (2020) afirmam que os desvios ortográficos entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PP, com base em PB e PE, são reflexos do fato de PP possuir um sistema fonológico diferente do de PB e PE padrão. As autoras corroboram, portanto, a hipótese de fusão fonológica dos róticos de PE em PP proposta por Agostinho (2016, 2017) e a de que tal fusão se deve ao contato linguístico entre o português e as demais línguas faladas na região assim como à baixa carga funcional dos róticos em português, conforme também proposto por Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b). Agostinho e Mendes (2020) destacam ainda a necessidade de os professores de tanto PP quanto de PB destas variedades em situações de contato entenderem a origem dos desvios ortográficos em relação aos róticos intervocálicos. As autoras salientaram a importância de os professores considerarem esse comportamento variável na ortografia como

reflexo de um sistema linguístico em que a distinção entre <rr>, para ‘R forte’, e <r>, para ‘r fraco’, não se aplica, uma vez que há apenas um fonema rótico no sistema de PP.

Em se tratando do português de São Tomé, do ponto de vista da sociolinguística, Bouchard (2017) analisa os róticos e a expressão do pronome sujeito do PST, comparando-o com outras variedades de português. Em seu estudo, a autora explora também fenômenos sociais e ideológicos associados às escolhas linguísticas e aos processos de variação e mudança linguística em São Tomé e Príncipe, no que respeita à etnicidade, hierarquias sociais, poder político, laços de parentesco e ideologias linguísticas. Com relação aos resultados obtidos em sua pesquisa, Bouchard (2017) argumenta que a produção dos róticos no PST é inovadora e distintiva em relação a outras variedades de português, tais como PB e PE padrão, considerando o emprego de ‘R forte’ em posições de palavra que não seguem o padrão destas outras variedades.

Bouchard (2017) entrevistou são-tomenses nascidos e criados na Ilha de São Tomé e que viviam na capital São Tomé ou nos arredores próximos durante a maior parte das suas vidas. Foram entrevistadas 56 pessoas, de idades variadas entre 12 e 73 anos, sendo homens e mulheres, na mesma proporção, de diferentes níveis de educação e situação socioeconômica. Bouchard (2017), em sua pesquisa, deu preferência a falantes de português da etnia forro, haja vista que era a mais numerosa no país e a que mais se concentrava na localidade pesquisada, embora tenha abrangido também indivíduos de etnia mista, em função da dificuldade de seleção de indivíduos de única etnia. Grande parte dos entrevistados são falantes monolíngues de português ou tinham algum conhecimento da língua forro, e alguns, geralmente os de faixa etária mais alta, eram falantes nativos de forro e português.

No que toca especialmente aos róticos, Bouchard (2017) verifica em PST independentemente do contexto silábico *tap* alveolar (55,3%); apagamento (21,3%); fricativa, sendo uvular, velar e glotal (18,5%); e vibrante, abrangendo a alveolar e uvular (4,9%). A autora afirma que o *tap*, a realização mais frequente em sua pesquisa, é empregado em posições de palavra nas quais em outras variedades de português, tais como PB e PE padrão, espera-se a realização de ‘R forte’. A segunda maior parcela, que é de apagamento de rótico, ocorre principalmente em coda sílabica, em função do apagamento do morfema -r de verbos no infinitivo, que pode ser motivada pela influência do forro, que tem preferência pelo tipo de sílaba CV (consoante-vogal). Em referência à taxa de realização de fricativa, inclusive em contextos em que se esperaria ‘r fraco’ conforme PB e PE padrão, Bouchard (2017) declara que

tal ocorrência se trata de uma inovação na língua portuguesa, liderada pelos são-tomenses mais jovens, indicando uma marca identitária de São Tomé e Príncipe pós-independência.

Em relação às realizações róticas nas posições silábicas especificamente, na posição intervocálica de ‘R forte’ de PB e PE padrão, Bouchard (2017) notou ‘r fraco’ em 31,3% dos casos, ou seja, encontram-se ocorrências como ‘era’ ao invés de ‘erra’, por exemplo. Na posição intervocálica de ‘r fraco’ de PB e PE padrão, Bouchard (2017) verificou 33,9% de uso de ‘R forte’, registrando casos como ‘carro’ ([‘karu] e [‘kaʁu]) ao invés de ‘caro’, por exemplo. Em contexto de *onset* complexo em PB e PE padrão, a autora também verificou a produção de ‘R forte’, embora em menor frequência, com taxa de 14,8%, como em ‘brasileira’ [bʁazi‘leivɐ] e ‘pra’ [‘pra]. Esse aspecto, observa a autora, é característica exclusiva do PST, pois a produção padrão dessas posições vista nas demais variedades portuguesas é *tap*.

Diante dessas constatações, Bouchard (2017) sugere que o PST não apresenta uma distinção fonológica robusta entre ‘r fraco’ e ‘R forte’, como haveria em PB e PE padrão, afirmando que essas duas categorias estão sobrepostas ou parcialmente fundidas em PST. Cabe aqui ressaltar que a autora está considerando uma distinção fonológica subjacente para o PST, diferentemente do que foi proposto por Agostinho (2016, 2017) para PP e PST. Agostinho (2016, 2017) assume que PP e PST não distinguem ‘r fraco’ e ‘R forte’ pois possuem somente um fonema rótico.

This indicates that these speakers lack a robust phonemic distinction between strong-R and weak-r, that is, these two rhotic categories are overlapping or partially merged in this variety. This finding causes Santomean Portuguese to stand out in its use of rhotics among the Portuguese-speaking world. (BOUCHARD, 2017, p. 264).

No que diz respeito aos fatores sociais implicados no uso de ‘R forte’ independentemente do contexto em PST, Bouchard (2017) observa que o único fator que propicia as consideráveis taxas de realização de ‘R forte’ é a idade dos falantes, em detrimento de gênero, escolaridade e idiomas falados. Destaca-se a taxa de 54,8% de realização de ‘R forte’ pelos falantes de 12 a 18 anos de idade e a tendência da redução desta produção conforme se eleva a faixa etária. Nesse sentido, também se destaca a abrupta redução da produção de ‘R forte’ em relação aos falantes de 40 a 49 anos e os de acima de 50, passando de 18,6% a 5,9%.

Dado o exposto, Bouchard (2017) postula uma mudança linguística em andamento em PST, que seria liderada pelos falantes mais jovens, em razão da pronúncia de ‘R forte’ na posição de ‘r fraco’ de PE padrão. Os falantes da faixa etária mais elevada, por sua vez, no geral, minimamente usaram ‘R forte’ (5,9%). As variantes róticas que se destacam nos dados de Bouchard (2017) são fricativas, que, segundo ela, distingue duas gerações, a de acima de 40 e a de abaixo de 39 anos.

Para Bouchard (2017), a mudança linguística verificada em PST é do tipo de baixo para cima. Isto é, emerge na língua por meio do vernáculo abaixo do nível de consciência dos falantes, espalhando-se pela comunidade de fala sem que eles tenham consciência nos estágios iniciais da mudança linguística. Segundo a autora, os falantes entrevistados não demonstraram consciência da sua produção rótica distintiva, somente aqueles falantes que tiveram contato com estrangeiros que falam português que apresentaram tal discernimento.

À luz da sociolinguística variacionista, Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) realizam um estudo de viés fonético-fonológico abordando a realização rótica na variedade urbana do PST. Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) investigam os róticos nos contextos pré-vocálico e pós-vocálico. O *corpus* foi coletado em 2009 e é referente a 18 entrevistados que falam o português como L1, dos quais fazem ou não uso do forro, em variados graus, e são de diferentes níveis de escolaridade. Os resultados de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) denotaram um caráter variável na produção dos róticos em PST em relação à norma do PE. Segundo os autores, mostraram-se significativas as variáveis sociais implicadas nesta produção em PST.

No contexto intervocálico, onde em PB e PE padrão vê-se contraste fonológico entre ‘r fraco’ e ‘R forte’, como em caro:carro, Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) afirmam que “no PST, tal contraste não fica claro” (p. 300). Os resultados do estudo demonstraram que o ‘R forte’ pode ocorrer como *tap* (fe[r]amenta), a produção mais comum, apresentando 58,4% dos casos; como vibrante alveolar (co[r]er), 35%, com relativa frequência; e como fricativa uvular ou outras variantes (a[ʁ]umar/ciga[r]o), 6,1%, em menor frequência. Na posição de ‘r fraco’ de PB e PE padrão, como ‘barato’, os dados registraram expressiva taxa de emprego de *tap* (92,3%), seguido de fricativa uvular ou outras variantes (3,4%), apagamento (2,7%) e vibrante alveolar (1,6%) com menor frequência.

Com relação aos aspectos sociais implicados nos usos róticos, Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) notaram que os informantes mais jovens, de 18 a 55 anos, que

apresentam maior taxa de uso de ‘r fraco’ na posição de ‘R forte’ intervocálico de PB e PE padrão, com 58% de emprego de *tap*. Os informantes de faixa etária mais alta, de 56 a 75 anos, produziram em maior proporção vibrante alveolar, apresentando 29,7% de uso de *tap*, ‘r fraco’, para o contexto de ‘R forte’ intervocálico.

Observando-se a variável “frequência de uso de um crioulo”, Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) verificaram maior uso de *tap* em posição intervocálica de ‘R forte’ de PB e PE padrão por aqueles indivíduos que se comunicam em médio a alto grau de frequência em forro, registrando-se 70,9% dos casos, em contraste a 48,6% de baixa frequência de uso de um crioulo. Em relação à variável gênero dos informantes, o *tap* mostrou-se mais utilizado por homens, com 59,9% dos casos, enquanto que as mulheres apresentaram 52,6%. Quanto ao uso do *tap* em termos de escolaridade, foi o nível médio que se destacou, apresentando 65,5% de frequência de uso desta variante.

No que toca às variáveis estruturais, destacaram-se os contextos antecedente e subsequente, nos quais o *tap* é mais frequente próximo a vogais [-arr], apresentando 78% quando a vogal subsequente é [+rec], e 76% de produção rótica no contexto em que a vogal antecedente é [-rec].

Isso posto, Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) sugerem não haver distinção entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PST: “A oposição fonológica R [+ant] *versus* R [-ant] em contexto intervocálico não parece fazer parte do quadro fonológico do PST” (p. 132). Os autores assumem que a natureza desta variação é de ordem social. Nos dados dos autores, os condicionamentos sociais que se sobressaem e influenciam o predomínio de *tap* nos dados de posição de ‘R forte’ são escolaridade e faixa etária dos informantes.

Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) sugerem que essa variação, associada ao frequente uso de *tap*, ‘r fraco’, independentemente do contexto silábico em PST, é decorrente do contato com o forro, que não apresentava róticos em seu sistema. Essa hipótese de contato linguístico corrobora os estudos de Bouchard (2017) para PST e de Agostinho (2016, 2017) para PST e PP. Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) acrescentam ainda que a variação em PST é associada a um processo de aprendizagem “defectivo” [sic] das normas de PE. Dessa maneira, segundo os autores, a ausência de róticos no forro culminaria no não reconhecimento, pelos falantes de PST, do contraste fonológico entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ existente na norma europeia na posição intervocálica. Isso corresponde, segundo Brandão, Pessanha, Pontes e

Corrêa (2017, p. 312), a “um traço diferenciador da norma emergente do PST em relação às normas consolidadas do PE e do PB”.

Pereira, Hagemeijer e Freitas (2018) investigam se a variação fonética rótica em PST está associada a aspectos de natureza sociolinguística, analisando as variáveis faixa etária, escolaridade e perfil linguístico (uso do forro) dos falantes de PST entrevistados. Os autores exploram a produção rótica nos diferentes contextos silábicos de PE, *onset* simples, *onset* complexo e coda de posição de ‘r fraco’ e *onset* simples de posição de ‘R forte’. Os informantes da pesquisa são 9, da faixa etária de 17 a 56 anos de idade e naturais e residentes de STP, principalmente em zonas urbanas. São falantes de português como L1, além de, na maior parte dos casos, terem algum conhecimento em forro, como L2. Os resultados obtidos na pesquisa indicaram heterogeneidade na produção rótica, bem como considerável variação individual.

Independentemente do contexto de palavra, os pesquisadores constataram em PST *tap/flap* alveolar [r] (42%), fricativa uvular vozeada [ʁ] (30%), apagamentos (22%), vibrante alveolar vozeada [r] (4,4%), vibrante uvular vozeada [R] (0,7%), fricativa uvular desvozeada [χ] (0,4%), além de outras variantes em menor quantidade de realização. A taxa de neutralização obtida é de 32,4%. Destacou-se, também, a amplitude dos valores individuais de neutralização (entre 0% a 77%) e apagamentos (entre 12% a 38%).

Relativamente às posições de *onset* simples, que abrangem tanto a posição silábica interna quanto externa de palavra, Pereira, Hagemeijer e Freitas (2018) registraram para o alvo ‘R forte’ de PE em PST taxas significativas de vibrante alveolar vozeada (3%), com 46 realizações, seguida de fricativa uvular vozeada (2%), com 40 realizações, e *tap/flap* alveolar (2%), com 24 realizações. Para o alvo ‘r fraco’, os autores constataram 11% de *tap/flap* alveolar, com 164 realizações, seguido de 9% de fricativa uvular vozeada, com 138 realizações. Ou seja, verificou-se, em ambos os contextos de realização rótica em *onset*, baseados nos alvos de PE, expressivo uso de ‘R forte’, predominando as variantes vibrante alveolar vozeada e fricativa uvular vozeada, respectivamente.

Na análise dos resultados, os autores verificaram uma significativa variação individual, que pode estar relacionada a fatores sociolinguísticos. Constatou-se uma taxa global de neutralização entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ de 32,4%, mas com uma alta amplitude, entre 0% e 77%. Esta taxa está relacionada à faixa etária mais baixa, uma vez que em dados de falantes de 17 e 22 anos predominaram produções róticas posteriores, sobretudo a fricativa uvular sonora, independentemente do alvo de PE. Para falantes da faixa etária intermediária, como de 27 e 33

anos, os autores observaram um comportamento misto, com considerável variação fonética, apresentando-se uma taxa de neutralização de em torno de 30%. Falantes de faixa etária mais alta, de 43 e 56 anos, segundo estes autores, demonstraram preferência por ‘r fraco’, com baixa taxa de neutralização, de 0% e 2,8%, realizações mais próximas da norma do PE.

Com base nisso, Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018) assumem que há neutralização dos fonemas róticos ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PST. Seu estudo corrobora Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), que sugerem a perda da distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ nesta variedade. Contudo, ao contrário da preferência por ‘r fraco’ verificada por Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018) verificaram a preferência por ‘R forte’. Estes autores justificam essa diferença de resultados considerando a idade dos falantes analisados nos estudos, uma vez que os falantes pesquisados por Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) eram de faixa etária mais alta. Desse modo, nos dados de Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018) verificou-se a preferência por fricativas pelas gerações mais novas, conforme já apontado por Bouchard (2017).

Entretanto, a posição assumida pelo presente estudo é a de que não se trata de um processo de neutralização dos róticos intervocálicos em PST, assim como em PP, conforme proposto por Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018), dado que processos de neutralização pressupõem distinção fonológica em outros contextos fonológicos, o que não é o verificado nestes casos. Também não se refere a uma aprendizagem “defectiva” [sic] das normas de PE, como argumentado por Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017). A posição deste trabalho também não coaduna com Bouchard (2017), uma vez que, apesar de a autora reconhecer uma sobreposição ou fusão parcial dos fonemas de PE, parte da distinção subjacente entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PE. Assim, propõe-se aqui que a variação rótica intervocálica em PP e PST é decorrente de um processo de fusão fonológica, uma vez que a distinção não é encontrada em nenhum contexto, e assume-se que estas variedades apresentam apenas um fonema rótico (cf. AGOSTINHO, 2016; 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a; 2020b).

5 METODOLOGIA

Esta seção apresentará a metodologia empregada no presente estudo. Inicialmente, a subseção 5.1 abordará sobre o *corpus*, trazendo informações a respeito da coleta dos dados, o

corpus utilizado na pesquisa e a descrição do perfil dos informantes. Após, na subseção 5.2 constarão os procedimentos de tratamento, classificação e análise dos dados.

5.1 CORPUS

Esta pesquisa é desenvolvida a partir de um *corpus* coletado na Ilha do Príncipe, em trabalho de campo realizado pelas professoras Dra. Ana Livia Agostinho (UFSC), orientadora desta pesquisa, e Me. Amanda Macedo Balduino (USP), em 2016. Os equipamentos utilizados no experimento foram os gravadores digitais Tascam DR-100 MKII e Shure WH20 e os arquivos de áudio foram utilizados no formato WAV.

Os dados são provenientes de entrevistas orais com produção de fala controlada e espontânea em PP. As gravações foram realizadas a partir de uma lista com 48 palavras previamente selecionadas, incluindo 9 pares mínimos em PB e PE padrão, que serão objeto de análise desta pesquisa. Utilizou-se a frase-veículo “Eu digo X baixinho”, de maneira que “X” seria substituído pela palavra-alvo pronunciada pelo informante. Por exemplo: “Eu digo *carinho* baixinho”.

No início de cada entrevista, a pesquisadora explicava ao informante os procedimentos metodológicos da gravação. Em seguida, a pesquisadora pronunciava a palavra-alvo em PB e PE padrão e pedia ao informante que a frase-veículo fosse repetida três vezes com o “X” preenchido pela referida palavra. Se necessário, em situações em que não havia a compreensão dos procedimentos pelo informante, a pesquisadora retomava a explicação acerca da metodologia da gravação. Após a repetição das frases-veículo pelo informante, em casos de pares mínimos, a pesquisadora perguntava-lhe os significados da palavra por ela pronunciada, que eram proferidos em fala espontânea pelo informante.

Como justificativas da utilização deste método de pesquisa apenas oralmente, teve-se em vista que nem todos os informantes tinham familiaridade com a leitura ou eram alfabetizados. Além disso, considerou-se que caso a metodologia utilizasse a leitura, a ortografia de <ɾ> e <rr> poderia influenciar a pronúncia dos informantes. Acrescenta-se que para a entrevista as palavras foram arranjadas de forma que os pares mínimos não estivessem próximos uns dos outros para que esta ordem não interferisse também na sua pronúncia. Contudo, esta lista de palavras foi adaptada para a análise dos dados para este estudo, arranjando-se os pares mínimos próximos uns dos outros e em ordem alfabética, visando a

facilidade da leitura e da comparação dos dados. A lista de palavras completa conforme utilizada na entrevista encontra-se no Anexo A, com os pares mínimos em destaque.

Quanto ao perfil dos informantes, considerando ser esta uma descrição e análise inicial, foram selecionadas como variáveis independentes e extralinguísticas para esta pesquisa apenas o gênero, feminino, e a naturalidade, da Ilha do Príncipe, de STP. Assim, participaram da pesquisa seis mulheres falantes de PP e de idade e escolaridade variadas, de acordo com o demonstrado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Descrição do perfil dos informantes

	Gênero	Idade	Escolaridade	Naturalidade
Informante 1	Feminino	40	Fundamental completo	Príncipe
Informante 2	Feminino	54	Fundamental incompleto	Príncipe
Informante 3	Feminino	24	Médio incompleto	Príncipe
Informante 4	Feminino	28	Médio completo	Príncipe
Informante 5	Feminino	18	Médio incompleto	Príncipe
Informante 6	Feminino	24	Médio incompleto	Príncipe

Fonte: dados da pesquisa (2021).

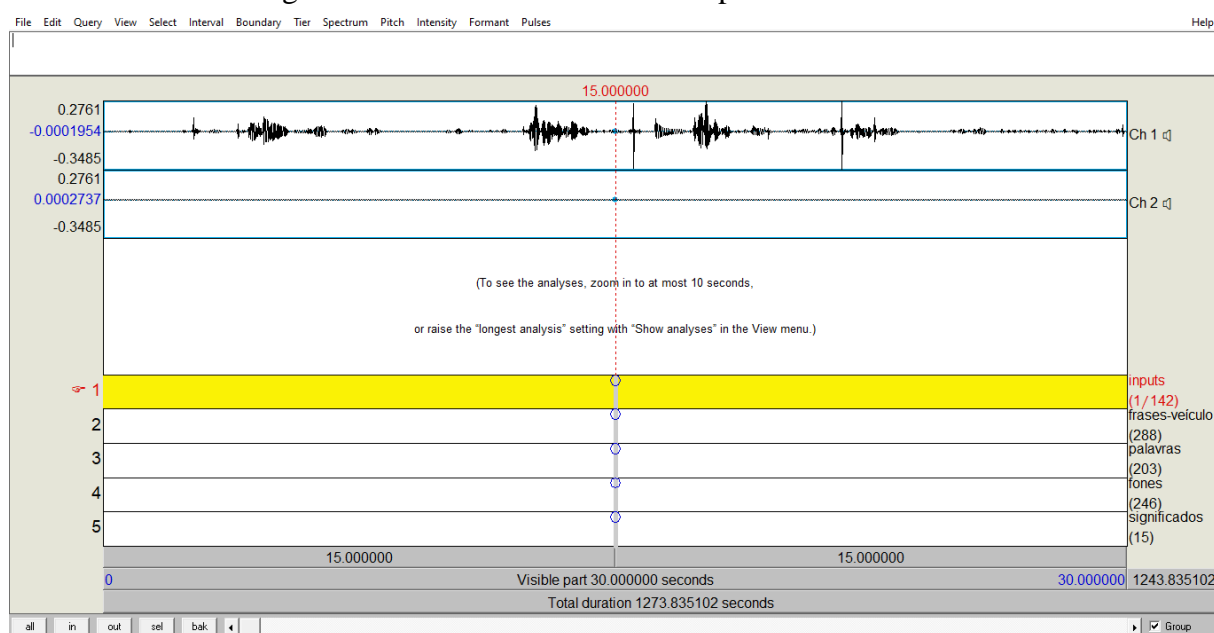
5.2 TRATAMENTO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Depois de coletados os dados, os arquivos de áudio foram organizados em uma pasta específica e nomeados conforme a data da entrevista e o nome da informante entrevistada. Em seguida, foi utilizado o *software* Praat como instrumento para a análise acústica dos segmentos sonoros dos pares mínimos conforme PB e PE padrão e do significado que cada palavra tinha para cada informante.

Nesta fase, na qual se empregou o Praat, criaram-se cinco camadas de classificação dos áudios, para um manuseio mais eficiente dos dados. Segmentou-se na primeira camada a extensão do áudio que contemplava o total das três produções frasais incluindo as eventuais explicações da informante sobre os significados da palavra pronunciada pela pesquisadora quando estes eram solicitados. Na segunda camada segmentou-se a extensão do áudio que

abrangia cada frase-veículo, na terceira camada as palavras de cada frase e na quarta as variantes fonéticas das palavras a serem analisadas contempladas na lista conforme Anexo A. Por fim, segmentou-se na última e quinta camada o período do áudio que abrangia os significados das palavras explicados pela informante. Atribuíram-se questionamentos acerca dos significados das palavras a partir do critério da pesquisadora de verificação da distinção de significado ou não dos pares mínimos em PB e PE padrão. A demonstração desta fase de análise dos dados pode ser conferida na Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Análise dos dados de PP por meio do Praat



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Deu-se atenção especial, além da oitiva, à análise das ondas e do espectrograma dos segmentos róticos intervocálicos. Após isso, elaborou-se um quadro com os resultados fonéticos de cada informante encontrados durante a análise dos pares mínimos, com números absolutos e percentuais. Particularmente, considerando-se a dificuldade de detecção acústica das fricativas róticas posteriores [x, ɣ, χ, ʁ, h, fi] (cf. LADEFOGED; MADDIESON, 1996), utilizou-se a fricativa uvular (vozeada) [ʁ] para representar as variações dentro desta categoria fonética, uma vez que a fricativa uvular (vozeada) é o fone mais comum nas pesquisas sobre PP e PST em relação aos róticos (AGOSTINHO, 2016, 2017; BOUCHARD, 2017; BRANDÃO; PESSANHA; PONTES; CORRÊA, 2017; PEREIRA; HAGEMEIJER; FREITAS, 2018). Portanto, a variação dentro da classe de fricativas róticas posteriores será irrelevante na presente discussão.

Em seguida, a partir dos resultados fonéticos, elaborou-se um quadro para classificação fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ dos róticos intervocálicos dos pares mínimos analisados em PP. Destaca-se que esta classificação, que reflete a análise teórica de sistemas fonológicos de português em que há distinção fonológica por meio dos dois fonemas róticos, ‘r fraco’ e ‘R forte’, como PB e PE padrão, é apenas procedimental. Dessa forma, as referências para ‘r fraco’ e ‘R forte’ ao longo deste trabalho serão utilizadas somente para fins de análise e comparação entre os sistemas fonológicos destas variedades de português. Assume-se esta compreensão uma vez que a hipótese defendida neste estudo em relação a PP, corroborando os estudos de Agostinho (2016, 2017), Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), é a de que PP não apresenta distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’, pois tem um único fonema rótico. Assim, as designações de ‘r fraco’ e ‘R forte’ referem-se apenas a PB e PE padrão.

Apesar de que normalmente se utilize a segunda ou a terceira produção do informante nas pesquisas com frases de controle, neste estudo consideraram-se as três produções de cada palavra-alvo. Aplicou-se esta análise a fim de obter uma classificação mais apropriada dos dados fonéticos e fonológicos, uma vez que se esperava variação interindividual, que poderia se manifestar em quaisquer produções. Também levando-se em conta uma classificação mais apropriada, desconsideraram-se algumas produções que foram repetidas pelas informantes. Nestas ocorrências de repetição de dados para além das três exigidas pelo experimento, procurou-se seguir o critério tradicional de descarte, em que se dá preferência às duas últimas das três realizações. Dessa forma, quando havia quatro produções, descartou-se a primeira, quando havia cinco, descartaram-se a primeira e a última, e quando havia seis produções, descartaram-se as duas primeiras realizações e a última.

Por fim, considerando-se as produções descartadas, foram analisados 321 *tokens* de pares mínimos, sendo 1239 *tokens* no total do *corpus*, incluindo as demais palavras da lista, conforme Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Quantidade de dados da pesquisa sobre PP	
<i>Tokens pares mínimos</i>	<i>Tokens totais do corpus</i>
321	1239

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Na sequência, de acordo com a metodologia descrita anteriormente, o Quadro 2⁶ ilustra a classificação dos dados fonéticos das variantes róticas intervocálicas dos pares mínimos pesquisados em PP, por informante, após manuseio do Praat:

Quadro 2 – Classificação das variantes fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP por informante

Inputs	Inf. 1				Inf. 2						Inf. 3			Inf. 4						Inf. 5			Inf. 6			
	P1	P2	P3	P4	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P1	P2	P3	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P1	P2	P3	P1	P2	P3	P4
carinho	r	r	ʁ		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
carrinho	r	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	r	ʁ	
caro	r	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
carro	r	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
coro	r	r	r		r	r	r				r	r	r	r	r	ʁ				r	r	r	r	r	r	
corro	ʁ	ʁ	ʁ		r	r	r				ʁ	r	r	ʁ	r	ʁ				ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	
era	r	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	
erra	r	r	r	ʁ	r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
fera	r	r	r		r	r	r							ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
ferra	r	r	r	r	r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
fere	r	r	r		r	r	r	r	r	r	r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
ferre	r	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
fora	r	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	
forra	r	r	r		r	r	r				r	r	r	r	ʁ	ʁ				r	ʁ	r	ʁ	ʁ	ʁ	
muro	ʁ	r	r		r	r	r				r	r	r	r	r	ʁ				r	r	r	r	r	r	
murro	r	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	r	r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	
varia	ʁ	ʁ	r	ʁ	r	r	r				r	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	r	ʁ	ʁ	
varria	ʁ	r	r		r	r	r				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ				r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	

Fonte: dados da pesquisa (2021).

O próximo passo da pesquisa foi transcrever os significados das palavras proferidos pelas informantes, que foram inseridos tanto no arquivo do Praat quanto em um arquivo de edição de textos, para que o manuseio e análise destes dados também fossem facilitados. Depois, tanto os resultados fonéticos e fonológicos dos róticos intervocálicos quanto a transcrição das explicações sobre os significados das palavras que compõem pares mínimos em PB e PE padrão servem para a discussão deste trabalho. Além disso, diante da observação de variação⁷ intra e interindividual nos dados obtidos conforme Quadro 2, este estudo também contempla a análise e discussão destas categorias de variação.

⁶ Dados fonéticos da palavra ‘fera’ relativo à Informante 3 não consta no quadro devido à Informante ter pronunciado outra palavra, provavelmente por incompreensão da palavra-alvo pronunciada pela entrevistadora. Neste caso, adaptaram-se os cálculos dos resultados absoluto e percentual.

⁷ A variação observada em PP pode ser considerada como “variação livre”, pois é condicionada a fatores extralinguísticos, como localização geográfica.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo desta seção é apresentar e discutir os resultados obtidos na pesquisa. Serão demonstrados e analisados os resultados das realizações fonéticas dos róticos intervocálicos do *corpus* pesquisado, bem como será explorado o estatuto fonológico dos róticos em PP. A subseção 6.1 apresentará as realizações fonéticas dos róticos intervocálicos em PP e sua subseção 6.1.1 apresentará os espectrogramas dos róticos observados em PP. Na subseção 6.2 constarão as realizações fonéticas róticas intervocálicas em posições fonológicas de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão e em sua subseção 6.2.1 constarão os espectrogramas dos róticos intervocálicos em PP por contexto fonológico de PB e PE padrão.

6.1 REALIZAÇÕES FONÉTICAS DOS RÓTICOS INTERVOCÁLICOS EM PP

Obteve-se o seguinte quadro de realizações fonéticas das 6 informantes falantes de PP analisadas neste estudo.

Quadro 3 – Variantes fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP por informante

<i>Inputs</i>	Inf. 1			Inf. 2			Inf. 3			Inf. 4			Inf. 5			Inf. 6		
	P1	P2	P3	P1	P2	P3	P1	P2	P3	P1	P2	P3	P1	P2	P3	P1	P2	P3
carinho	ɾ	ɾ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
carrinho	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ɾ	ʁ
caro	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
carro	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
coro	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ
corro	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ɾ	ɾ	ʁ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ
era	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ
erra	ɾ	ɾ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
fera	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ				ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
ferra	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
fere	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
ferre	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ
fora	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ	ɾ	ɾ	ɾ	ʁ	ʁ	ʁ

forra	r	r	r	r	r	r	r	r	r	r	ʁ	ʁ	r	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ
muro	ʁ	r	r	r	r	r	r	r	r	r	ʁ	ʁ	r	r	r	r	r	r
murro	r	r	r	r	r	r	r	r	r	ʁ	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ
varia	ʁ	r	ʁ	r	r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	ʁ	r	r	r	r	ʁ	ʁ
varria	ʁ	r	r	r	r	r	r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ	r	r	r	ʁ	ʁ	ʁ

Fonte: dados da pesquisa (2021).

A partir do Quadro 3, verificaram-se nos dados da análise dos róticos intervocálicos de pares mínimos em PP realizações de *tap* [r], fricativa uvular (vozeada) [ʁ]⁸ e vibrante alveolar [r]. Em termos numéricos, o rótico intervocálico mais frequente nos dados analisados é o *tap*, com 198 realizações (61,7%), seguido da fricativa uvular, com 111 realizações (34,6%). A variante vibrante alveolar foi minimamente empregada pelas informantes, registrando-se 12 realizações (3,7%). Para fins de melhor observação, estes dados estão ilustrados na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP

	<i>tap</i> [r]	fricativa uvular [ʁ]	vibrante alveolar [r]
Nº absoluto	198	111	12
Percentual	61,7%	34,6%	3,7%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

A seguir, na Tabela 3 apresenta-se a distribuição das variantes róticas intervocálicas por informante para uma análise inter e intraindividual acerca da frequência de uso de cada variante.

Tabela 3 – Realizações fonéticas róticas de pares mínimos em PP por informante

Variantes fonéticas	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Total
	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%
<i>tap</i> [r]	34/63%	54/100%	47/92,1%	10/18,5%	45/83,3%	8/14,8%	198/61,7%
fricativa uvular [ʁ]	9/16,6%	0/0%	3/5,9%	44/81,5%	9/16,7%	46/85,2%	111/34,6%
vibrante alveolar [r]	11/20,4%	0/0%	1/2%	0/0%	0/0%	0/0%	12/3,7%

⁸ Conforme explicitado na Metodologia, na subseção 5.2, dada a dificuldade de detecção acústica de fricativas róticas posteriores [x, ɣ, ɣ̃, ʁ, h, fi], como apontada por Ladefoged e Maddieson (1996), e a predominância da fricativa uvular vozeada [ʁ] nas pesquisas de PP e PST sobre róticos (AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b; BOUCHARD, 2017; BRANDÃO; PESSANHA; PONTES; CORRÊA, 2017; PEREIRA; HAGEMEIJER; FREITAS, 2018), optou-se por englobar todas estas variações fricativas na mesma categoria de fricativa uvular (vozeada) [ʁ].

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Com base na Tabela 3, é notável a intensa variação fonética para os róticos intervocálicos em PP, que se apresenta tanto interindividual como intraindividual. Ou seja, verifica-se oscilação no uso de *tap*, fricativa uvular e vibrante alveolar entre todos as informantes bem como nos resultados de cada informante individualmente, exceto pela Informante 2, que emprega *tap* categoricamente.

Quanto à variação fonética interindividual, nos dados das informantes 2, 3 e 5 houve o predomínio de *tap*, enquanto que nos dados das informantes 4 e 6 predominou o uso da fricativa uvular. Especificamente, a Informante 2 empregou *tap* em 100% dos casos, a Informante 3 em 92,1% e a Informante 5 em 83,3% dos casos. Ao contrário, nos dados das informantes 4 e 6 registra-se 81,5% e 85,2% de uso da fricativa uvular, respectivamente.

Ao se examinar a variação intraindividual, verifica-se que a Informante 2 foi a única que não apresentou este tipo de variação em relação ao uso das variantes róticas, apresentando 100% de realização de *tap*. De outro lado, nota-se acentuada variação pela Informante 1, que empregou, além do *tap* em maior frequência (63%), a vibrante alveolar (20,4%) e a fricativa uvular (16,6%). Também a variação intraindividual é encontrada nos dados das informantes 3, 4, 5 e 6. A Informante 3 emprega as três variantes, em ordem de maior ocorrência, o *tap* (92,1%), a fricativa uvular (5,9%) e a vibrante alveolar (2%). Os resultados da análise dos dados das informantes 4, 5 e 6 dividem-se entre o emprego do *tap* e da fricativa uvular. A fricativa uvular é a variante de maior preferência pelas informantes 4 e 6, com 81,5% e 85,2% de uso, respectivamente, ao passo que a Informante 5 dá maior preferência ao *tap*, com 83,3% de uso.

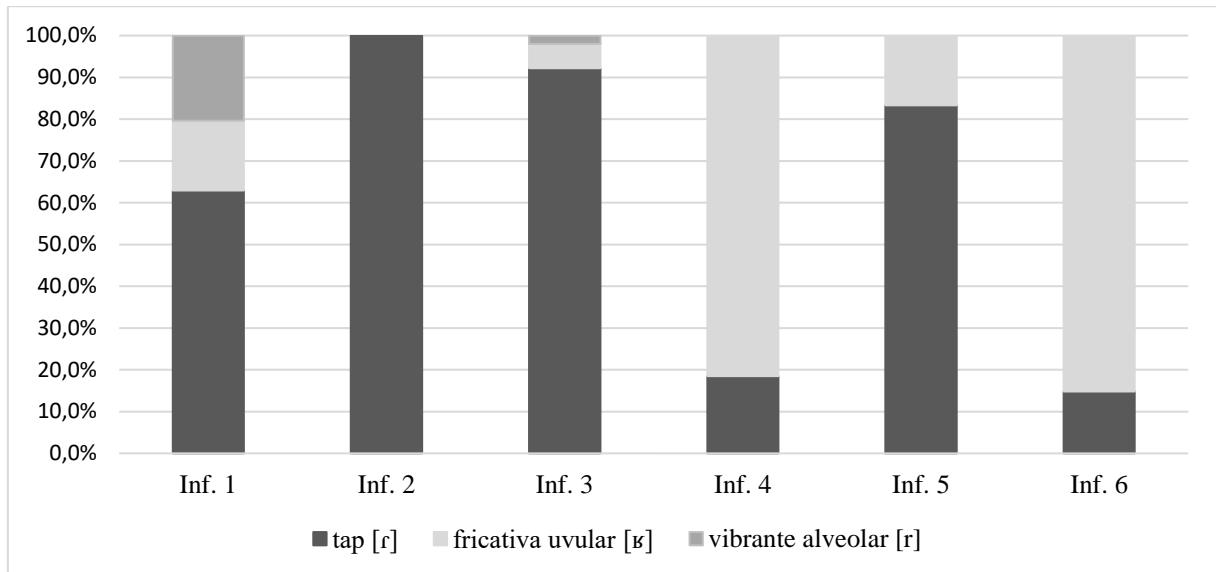
Com relação à análise das variáveis extralinguísticas, observou-se que as variáveis idade e escolaridade não forneceram parâmetros significativos para categorização das informantes em relação ao emprego das variantes fonéticas em PP, dado que se faz necessário uma pesquisa com um maior número de informantes. Contudo, para a variável escolaridade, as únicas informantes do *corpus*, que tinham cursado apenas o nível fundamental (completo e incompleto, respectivamente), que são as informantes 1 e 2, aderiram majoritariamente o *tap*. Destaca-se, porém, que a taxa de realização de *tap* pela Informante 1 não foi tão significativa quanto às das demais informantes, havendo 63% de realização de *tap*, para ‘r fraco’ de PB e PE padrão, e 16,6% e 20,4% de fricativa uvular e vibrante alveolar, respectivamente, totalizando 37% de realização de variantes equivalentes a ‘R forte’ de PB e PE padrão. Ademais, estas informantes 1 e 2 são as de faixa etária mais elevada, com 40 e 54 anos, respectivamente.

Ainda relativamente à idade, as informantes 3 e 5, de 24 e 18 anos, respectivamente, também aderiram em maior frequência o *tap*. Destaca-se que a Informante 5 é a mais jovem do *corpus*. As informantes que realizaram ‘R forte’ em maior frequência foram as informantes 4 e 6, produzindo unicamente a fricativa uvular como a variante desta posição para PB e PE padrão. Porém, é de se salientar que a Informante 5, de 18 anos, é mais jovem que as informantes 4 e 6, e a Informante 3 tem a mesma idade da Informante 6, 24 anos. Comparando-se as informantes 3 e 5 e 4 e 6, tendo aquelas realizado mais *tap* e estas mais fricativa uvular, em ambos os casos há uma que cursou o ensino médio completo e outra o ensino médio incompleto.

Tendo em vista esse comportamento desigual para as informantes 3, 4, 5 e 6 quanto à escolaridade e idade, nota-se que a variante *tap* esteve mais associada às falantes de faixa etária mais elevada, as informantes 1 e 2, de 40 e 54 anos, e que cursaram até o ensino fundamental, seja de forma completa ou incompleta. Assim, com base neste estudo, é possível sugerir que o uso de *tap* pode estar associado à faixa etária mais alta, cujas informantes fazem uso do *lung’Ie*, língua crioula falada na Ilha do Príncipe. Desse modo, há a hipótese de que a predominância do *tap* nos resultados destas informantes esteja relacionado ao contato com o *lung’Ie*, que possui somente um fonema rótico em seu sistema, podendo ser realizado como *tap* ou vibrante alveolar. Isto explica, também, a preferência da informante 1 pela vibrante alveolar correspondente a ‘R forte’ em PB e PE padrão, ao contrário das demais informantes que empregaram majoritariamente a fricativa uvular equivalente ao fonema ‘R forte’ em PB e PE padrão. Salienta-se, porém, a importância de uma amostragem mais alargada, com um maior número de informantes, para que tais hipóteses possam ser melhor verificadas, ainda mais considerando que as informantes 3 e 5, de 24 e 18 anos, respectivamente, também produziram majoritariamente *tap*.

A frequência de uso de cada variante rótica em contexto intervocálico de PP por informante é ilustrada no Gráfico 1 a seguir, que permite melhor visualização e comparação das variações inter e intraindividual.

Gráfico 1 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas em pares mínimos de PP por informante



Fonte: dados da pesquisa (2021).

A seguir apresenta-se a Tabela 4 que contém as realizações dos róticos intervocálicos dos pares mínimos de PP analisados por palavra. Para realce das realizações fonéticas esperadas e não esperadas dos róticos intervocálicos produzidos pelas informantes, estão destacados de cinza os campos da tabela nos quais se encontram as realizações não esperadas.

Tabela 4 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas de pares mínimos em PP

Palavras	tap [ɾ]		fricativa uvular [ʁ]		vibrante alveolar [r]	
	Nº abs.	%	Nº abs.	%	Nº abs.	%
carinho	11	61,1%	7	38,9%	—	0%
carrinho	13	72,2%	5	27,8%	—	0%
caro	12	66,7%	4	22,2%	2	11,1%
carro	11	61,1%	6	33,3%	1	5,6%
coro	17	94,4%	1	5,6%	—	0%
corro	6	33,3%	12	66,7%	—	0%
era	10	55,6%	8	44,4%	—	0%
erra	11	61,1%	7	38,9%	—	0%
fera	9	60%	6	40%	—	0%
ferra	12	66,7%	6	33,3%	—	0%
fere	12	66,7%	6	33,3%	—	0%
ferre	12	66,7%	6	33,3%	—	0%
fora	9	50%	6	33,3%	3	16,7%
forra	10	55,6%	6	33,3%	2	11,1%
muro	15	83,3%	2	11,1%	1	5,6%
murro	8	44,4%	7	38,9%	3	16,7%
varia	9	50%	9	50%	—	0%

varria	11	61,1%	7	38,9%	—	0%
Média Total	198	61,7%	111	34,6%	12	3,7%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Conforme demonstrado na Tabela 4, constata-se a preferência por *tap*, variando sua realização de 6, com 33,3% (corro), a 17 casos, com 94,4% (coro). O caso de 6 realizações é exclusivo, pois as demais palavras apresentam maior número de ocorrência de *tap* efetivamente, em comparação com as realizações de fricativa uvular e vibrante alveolar. Do total, as menores realizações de *tap*, depois de ‘corro’, estão associadas às palavras ‘murro’, com 8 ocorrências (44,4%) e ‘fera’, ‘fora’ e ‘varia’, com 9 ocorrências (60%).

Em segundo lugar, dentre as demais realizações fonéticas, a que mais se destaca é de fato a fricativa uvular, em todos os pares mínimos. A realização da fricativa uvular varia de 1 a 12 ocorrências. As menores taxas de realização desta variante estão associadas à palavra ‘coro’, com 1 ocorrência e 5,6%, e à ‘muro’, com 2 ocorrências e 11,1%. As maiores taxas, por sua vez, referem-se às palavras ‘corro’, com 12 ocorrências e 66,7%, ‘varia’, com 9 ocorrências e 50%, e ‘era’, 8 ocorrências e 44,4%. O caso de 12 ocorrências de fricativa uvular (corro) foi o único que ultrapassou a taxa de *tap*, realização predominante nos dados das informantes analisados. Cabe ressaltar que há 3 pares mínimos em que a frequência de 6 ocorrências (33,3%) de fricativa uvular é constante em ambas as palavras, que são fera:ferra, fere:ferre e fora:forra.

A frequência de uso da vibrante varia entre 0 a 3 ocorrências. São várias as palavras que não são empregadas com vibrante alveolar, tais como ‘carinho’ e ‘carrinho’. As palavras que são pronunciadas com esta variante são ‘carro’ e ‘muro’, com 1 realização cada, equivalente a 5,6%; ‘caro’ e ‘forra’, com 2 realizações cada, equivalente a 11,1%; e ‘fora’ e ‘murro’, com 3 realizações e 16,7%. Interessante observar que os únicos usos de vibrante alveolar pelas informantes recaem justamente nos mesmos pares mínimos, em ambas as palavras, caro:carro, fora:forra e muro:murro.

Na subseção a seguir constarão os espectrogramas e formas de onda dos róticos intervocálicos observados em PP.

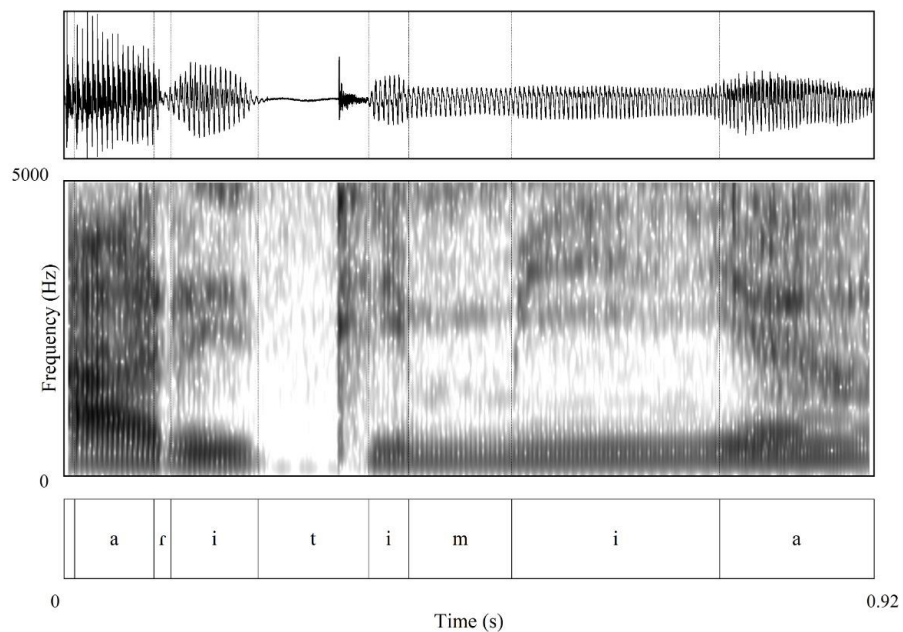
6.1.1 Espectrogramas dos róticos intervocálicos em PP

Na sequência apresentam-se os espectrogramas e as formas de onda das realizações fonéticas dos róticos intervocálicos verificadas ao longo da fase de segmentação e anotação dos

dados, que são de palavras que não formam pares mínimos em PB e PE padrão, a fim de não se basear na distinção fonológica de PB e PE padrão para PP.

Na Figura 3 vê-se a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘arritmia’, realizada com *tap* [r] em PP. A realização é referente à Informante 1. Em PB e PE padrão, nesta palavra se esperariam realizações com variantes róticas fricativas ou vibrantes.

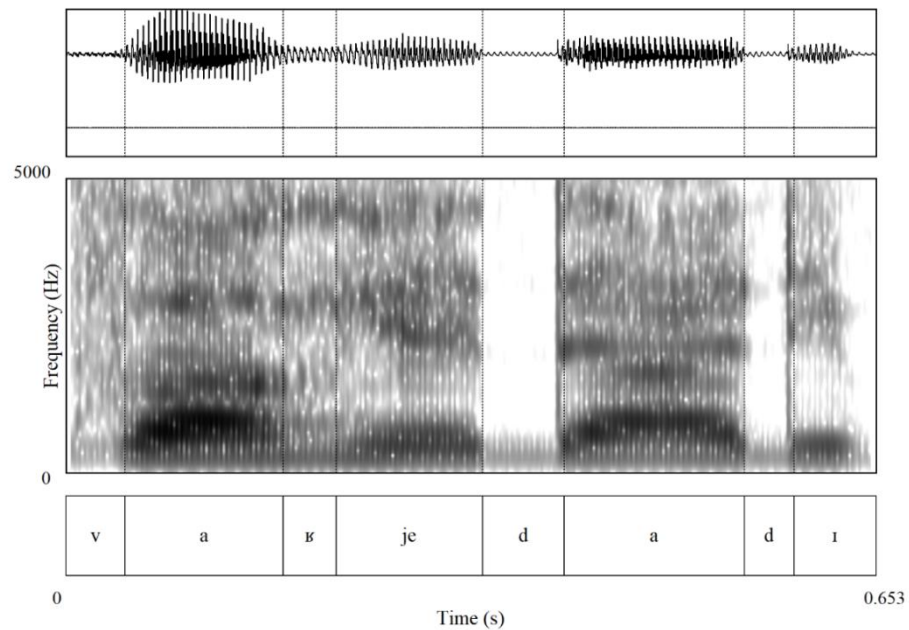
Figura 3 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arritmia’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Na Figura 4 a seguir vê-se a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘variedade’, realizada com fricativa uvular (vozeada) [ʁ] em PP. A realização refere-se à Informante 4. Em PB e PE padrão se esperaria nesta palavra *tap* [r] como realização rótica intervocálica.

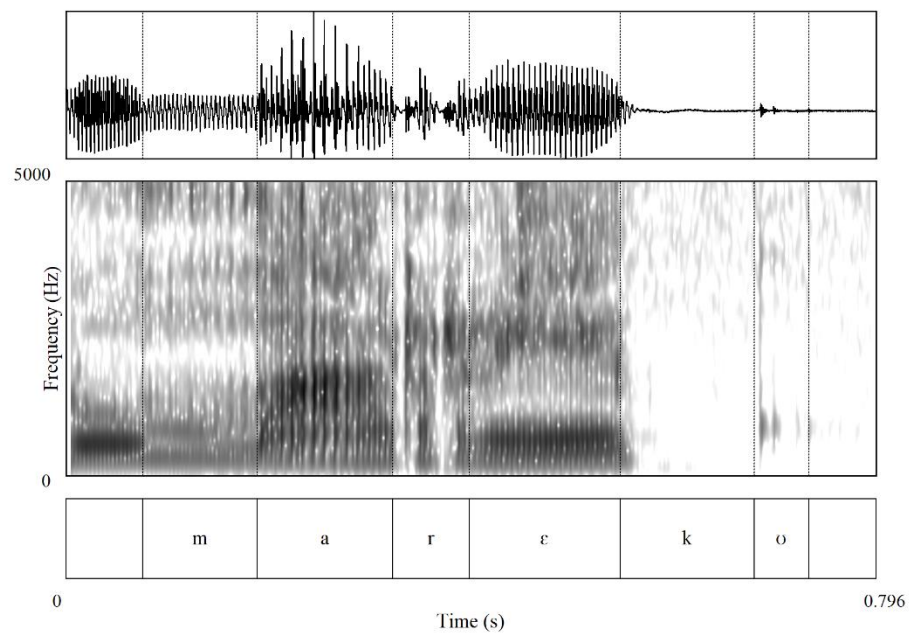
Figura 4 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘variedade’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Consta na Figura 5 a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘marreco’, realizada com vibrante alveolar [r] em PP. A figura se refere à produção da Informante 1. Em PB e PE padrão esta realização fonética seria também esperada.

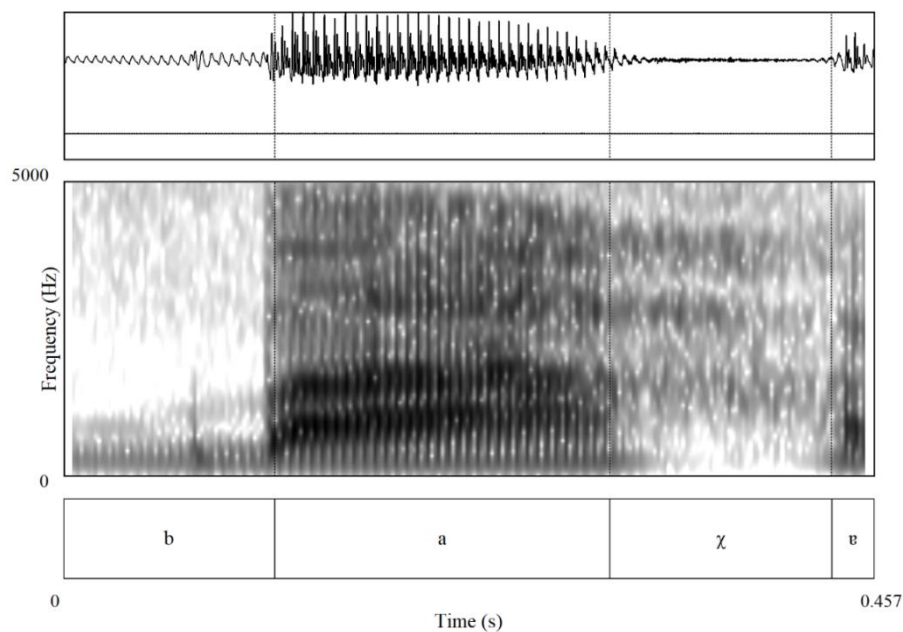
Figura 5 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘marreco’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Na Figura 6 vê-se a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘barra’, realizada com fricativa uvular (não vozeada) [χ] em PP. A figura se refere à produção da Informante 1. Em PB e PE padrão também se esperaria esta variante, assim como outras róticas fricativas e vibrantes.

Figura 6 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘barra’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

A subseção a seguir apresentará e discutirá os róticos em PP nas posições de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão.

6.2 REALIZAÇÕES FONÉTICAS RÓTICAS INTERVOCÁLICAS NAS POSIÇÕES FONOLÓGICAS DE ‘R FRACO’ E ‘R FORTE’ DE PB/PE PADRÃO

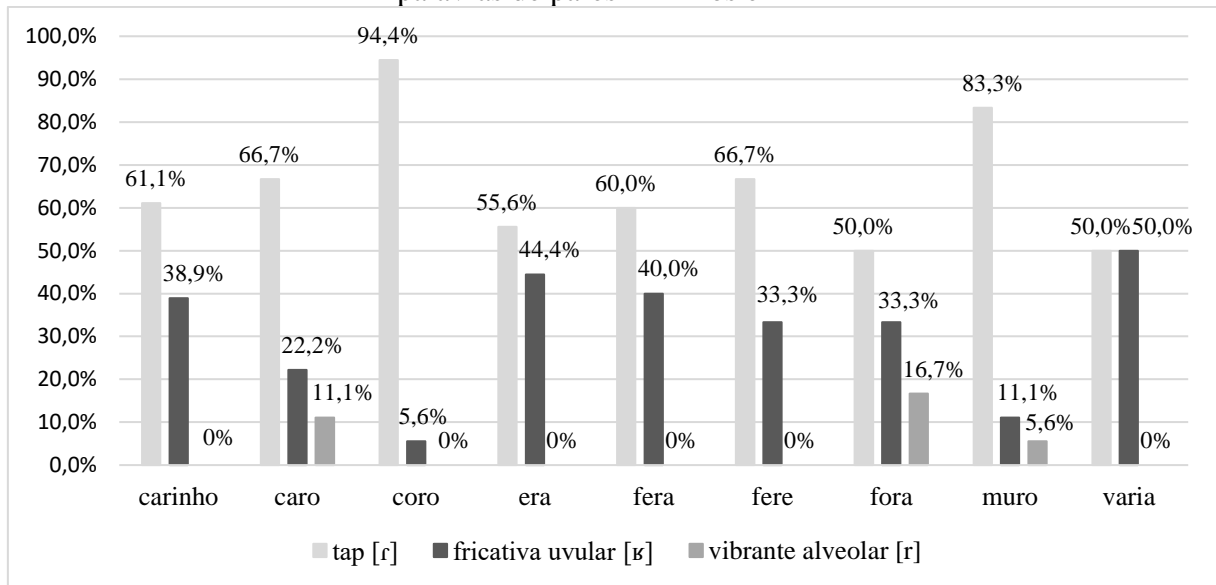
Ao distribuírem-se os dados fonéticos dos pares mínimos entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão, é possível obter os seguintes gráficos, 2 e 3, que facilitam a visualização das variações fonéticas dos róticos intervocálicos entre as palavras.

Salienta-se a observação, conforme descrita na Metodologia, especificamente na seção 5.2, de que a distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ mencionada no presente estudo de PP consiste apenas em um parâmetro para a investigação desta variedade, pois este trabalho reconhece somente um fonema rótico em PP e que a distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R

forte' nesta variedade é inexistente. Esta posição corrobora postura teórica assumida por Agostinho (2016, 2017), Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) e Agostinho e Mendes (2020). Assim, as denominações 'r fraco' e 'R forte' se referem somente a PB e PE padrão.

No Gráfico 2 a seguir apresenta-se a distribuição das variantes fonéticas róticas intervocálicas na posição de 'r fraco', de PB e PE padrão, em palavras de pares mínimos em PP.

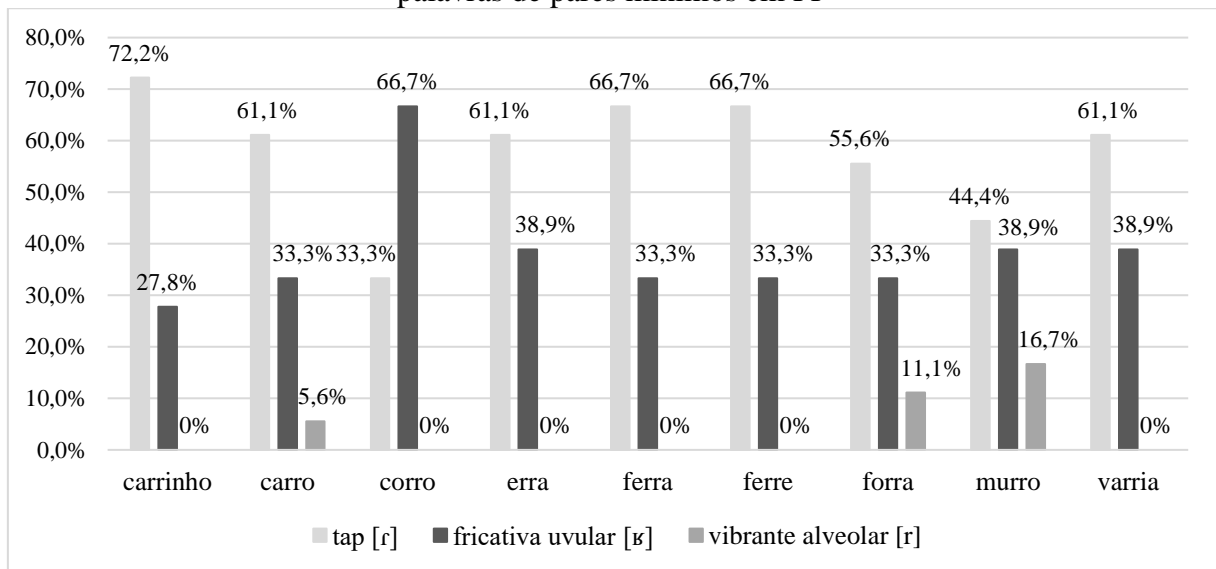
Gráfico 2 – Variantes fonéticas intervocálicas na posição de 'r fraco' de PB/PE padrão em palavras de pares mínimos em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

No Gráfico 3 consta a distribuição das variantes fonéticas intervocálicas na posição de 'R forte', de PB e PE padrão, em palavras de pares mínimos em PP.

Gráfico 3 – Variantes fonéticas intervocálicas na posição de 'R forte' de PB/PE padrão em palavras de pares mínimos em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

No tocante aos dados fonéticos gerais que seriam esperados e não esperados em PB e PE padrão das informantes falantes de PP em relação aos róticos intervocálicos em pares mínimos, obteve-se a Tabela 5.

Tabela 5 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas esperadas e não esperadas para PB/PE padrão em PP

	Realizações esperadas em PB/PE	Realizações não esperadas em PB/PE
Nº absoluto	172	149
Percentual	53,6%	46,4%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Tendo-se em vista a Tabela 5, PP apresenta 49,3% de realizações fonéticas róticas que seriam não esperadas em demais variedades portuguesas, como PB e PE padrão. As realizações esperadas totalizaram 172 casos, que equivalem a 50,7%, e as realizações não esperadas, 149 casos, que equivalem a 49,3%. Estes dados assinalam a variação linguística em relação a PP e à norma padrão portuguesa no tocante ao uso dos róticos, demonstrando que PP apresenta um sistema fonológico diferente de outros sistemas de língua portuguesa, tais como PB e PE padrão.

A partir dos dados do estudo obtiveram-se as taxas de realização de 'r fraco' e 'R forte' em PP. O uso de 'r fraco', que é realizado por meio da variante *tap* [r] em PP, é o predominante nos resultados, registrando-se 61,7% dos casos. O 'R forte', realizado por meio da fricativa

uvular [β] e da vibrante alveolar [r] em PP, é empregado com menor frequência, em 38,3% dos casos. Assim, pode-se perceber que a realização fonética mais frequente em PP, é o ‘r fraco’, independentemente da posição de PB e PE padrão, se de ‘r fraco’ ou ‘R forte’, representando quase 2/3 do total das realizações. Ou seja, nota-se a preferência pela realização de ‘r fraco’ em palavras como ‘carinho’ ao invés de ‘carrinho’ e de ‘caro’ ao invés de ‘carro’, por exemplo. Estes dados podem ser conferidos na Tabela 6, com o total das realizações fonéticas róticas intervocálicas em PP que correspondem a ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão.

Tabela 6 – Total de realizações fonéticas róticas intervocálicas em PP para ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão

	'r fraco'	'R forte'	Total
Nº absoluto	198	123	321
Percentual	61,7%	38,3%	100%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Em relação aos resultados de realizações esperadas e não esperadas em PP para cada posição rótica de ‘r fraco’ e ‘R forte’, obteve-se 34,6% de realizações não esperadas para a posição fonológica de ‘r fraco’ e 58% de realizações não esperadas para ‘R forte’, conforme se observa na Tabela 7.

Tabela 7 – Total de realizações fonéticas róticas intervocálicas esperadas e não esperadas em PP nas posições de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão

	'r fraco'	'R forte'	Total
	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%
Realizações esperadas em PB/PE padrão	104/65,4%	68/42%	172/50,7%
Realizações não esperadas em PB/PE padrão	55/34,6%	94/58%	149/49,3%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

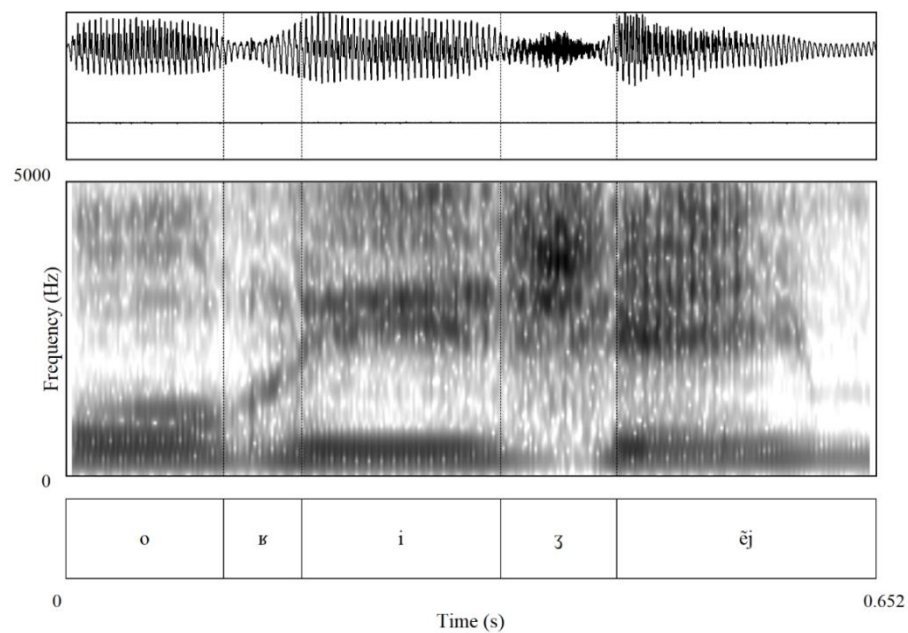
Na próxima subseção serão apresentados os espectrogramas e as formas de onda dos róticos intervocálicos em PP por contexto fonológico de PB e PE padrão e a discussão sobre os resultados da lista de pares mínimos de PB e PE padrão e o teste de julgamento de significado de pares mínimos de PB e PE padrão em PP.

6.2.1 Espectrogramas dos róticos intervocálicos em PP por contexto fonológico de PB/PE padrão

A seguir serão apresentadas as diferentes realizações fonéticas dos róticos intervocálicos encontradas nos dados de PP que correspondem a ‘r fraco’ e ‘R forte’ intervocálicos de PB e PE padrão. As ilustrações das realizações fonéticas apresentam os espectrogramas e as formas de onda e são especificamente da mesma pessoa, a Informante 1. As três primeiras figuras referem-se à posição fonológica de ‘r fraco’ e as outras três à posição fonológica de ‘R forte’ de PB e PE padrão.

A Figura 7 ilustra a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘origem’, realizada com fricativa uvular [ʁ] em PP. Em PB e PE padrão, nesta palavra se esperaria a realização com *tap* [r], variante para ‘r fraco’ nestas variedades.

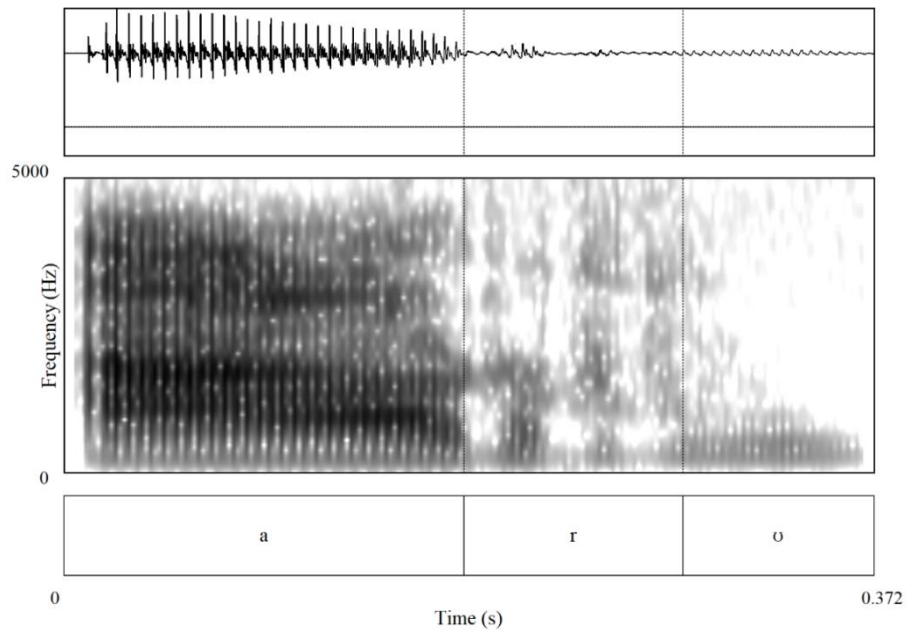
Figura 7 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘origem’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Na Figura 8 observa-se a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘aro’, realizada com vibrante alveolar [r] em PP. Em PB e PE padrão nesta palavra se esperaria *tap* [r], variante que corresponde a ‘r fraco’ nestas variedades.

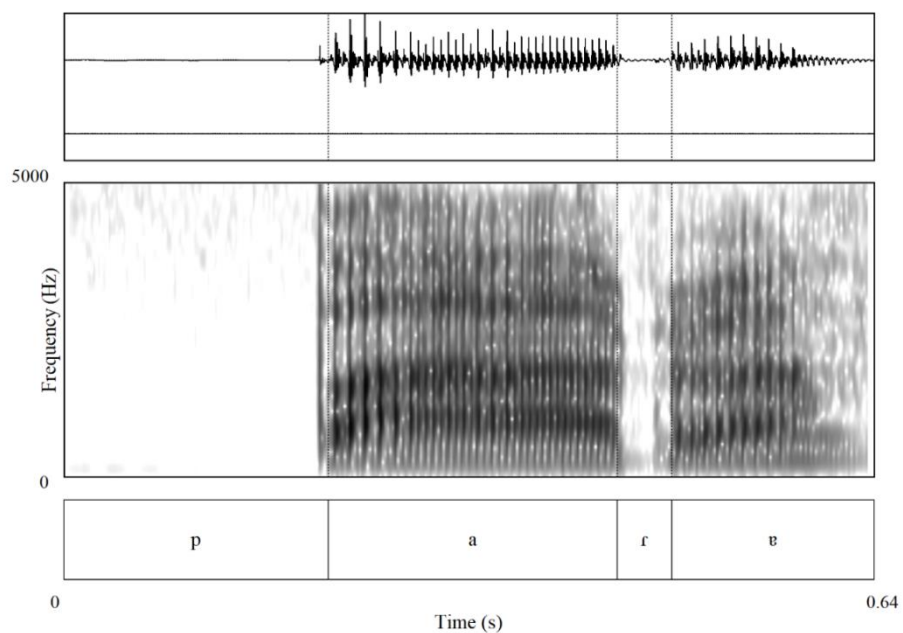
Figura 8 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘aro’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

A Figura 9 ilustra a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘para’ , realizada com *tap* [r] em PP. Em PB e PE padrão nesta palavra também se esperaria *tap* [r], variante que corresponde a ‘r fraco’ nestas variedades.

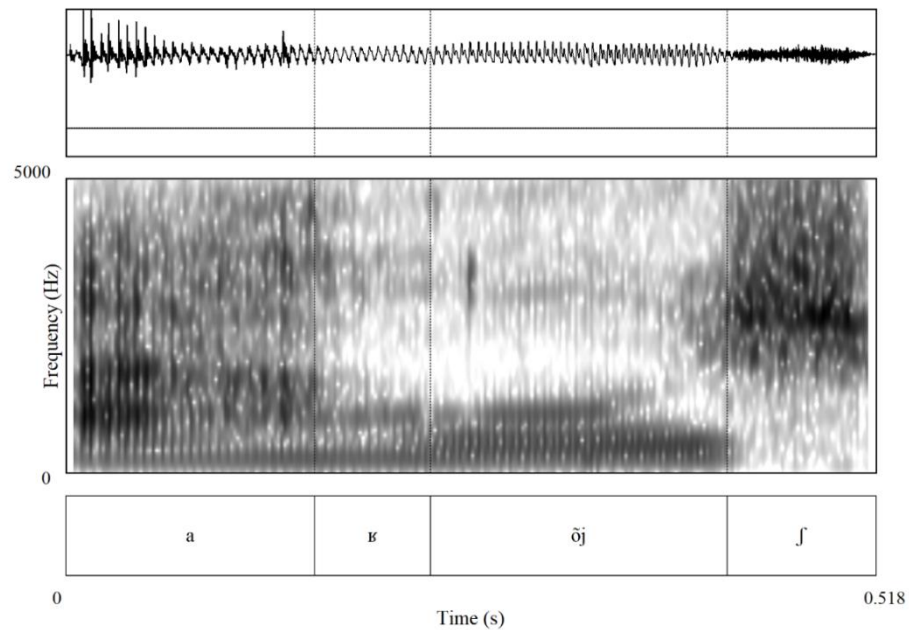
Figura 9 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘para’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Na Figura 10 vê-se a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘arroz’, realizado com fricativa uvular (vozeada) [ʁ] em PP. Em PB e PE padrão esta variante nesta palavra seria esperado, pois corresponde à posição de ‘R forte’ nestas variedades.

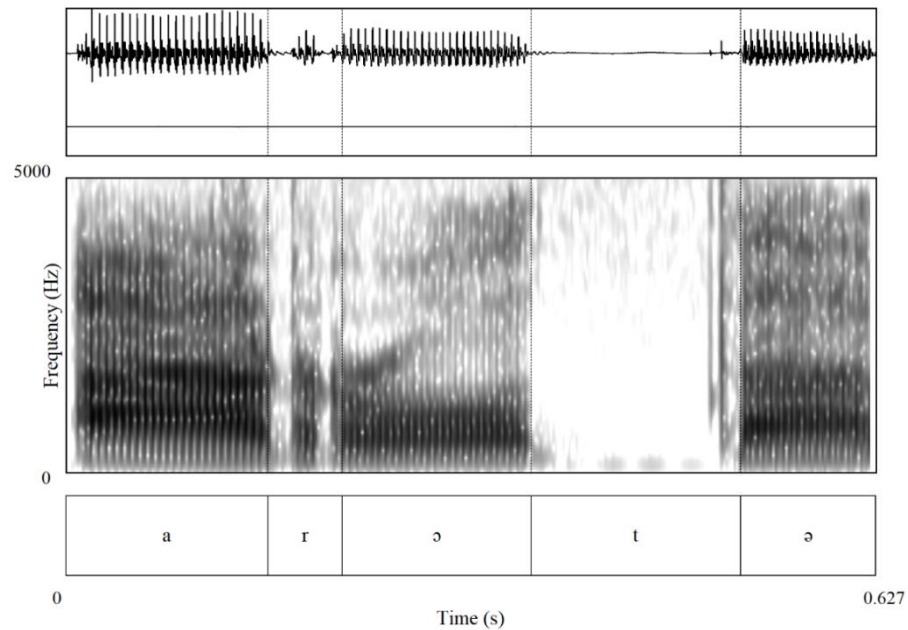
Figura 10 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arroz’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Na Figura 11 consta a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘arrota’, realizada com vibrante alveolar [r] em PP. Esta variante nesta palavra é também esperada em PB e PE padrão, que corresponde a ‘R forte’ nestas variedades.

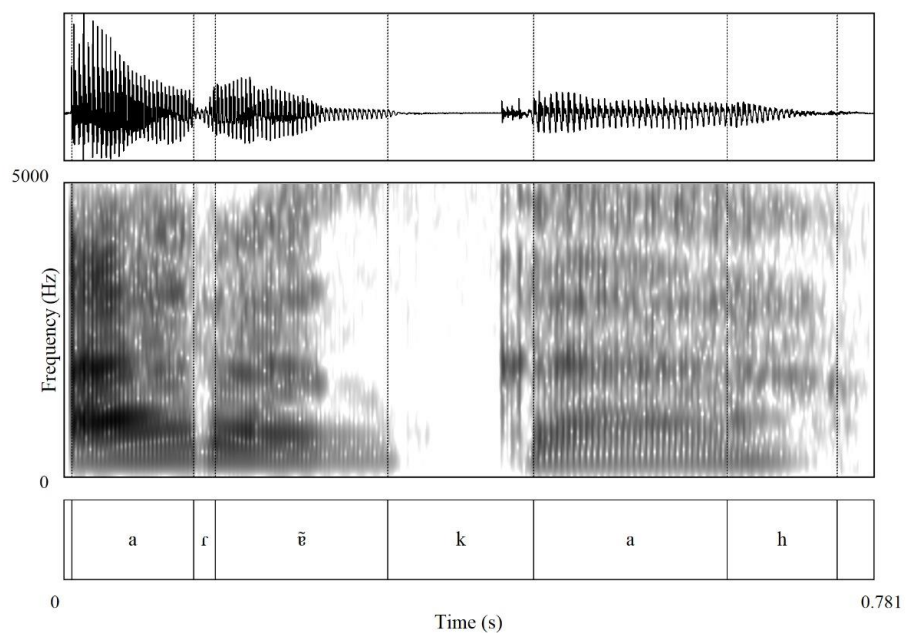
Figura 11 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arrota’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Na Figura 12 vê-se a forma de onda e o espectrograma da palavra ‘arrancar’, realizada com *tap* [r] em PP. Em PB e PE padrão esta palavra apresenta ‘R forte’, de forma que a variante fonética produzida em PP não seria esperada nestas variedades.

Figura 12 – Forma de onda e espectrograma da palavra ‘arrancar’ em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

A seguir encontra-se a Tabela 8 com os resultados de realização fonética que correspondem a ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PB e PE padrão por informante. Por meio dela, verifica-se a variação inter e intraindividual das realizações fonéticas dos róticos intervocálicos em PP. Verifica-se que as informantes 1, 2, 3 e 5 empregaram majoritariamente ‘r fraco’, com 63%, 100%, 92% e 83% dos casos, respectivamente, e as demais, informantes 4 e 6 preferiram a realização de ‘R forte’, com 81,5% e 85,2%, respectivamente.

Tabela 8 – Distribuição das realizações fonéticas róticas intervocálicas em PP correspondentes a ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão

Realizações fonéticas	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Total
	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%
‘r fraco’	34/63%	54/100%	47/92%	10/18,5%	45/83,3%	8/14,8%	198/61,7%
‘R forte’	20/37%	0/0%	4/8%	44/81,5%	9/16,7%	46/85,2%	123/38,3%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Relativamente às realizações fonéticas róticas nas palavras especificamente, obtiveram-se as seguintes taxas, apresentadas na Tabela 9. Tendo-se em vista as variações do uso dos róticos intervocálicos, foram destacadas em cinza as linhas com as realizações não esperadas, de acordo com PB e PE padrão, para melhor visualização dessas ocorrências.

Tabela 9 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas em pares mínimos de PP correspondentes a ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão

Pares mínimos	‘r fraco’		‘R forte’	
	Nº abs.	%	Nº abs.	%
carinho	11	61,10%	7	38,80%
carrinho	13	72,20%	5	27,70%
caro	12	66,60%	6	33,30%
carro	11	61,10%	7	38,80%
coro	17	94,40%	1	5,50%
corro	6	33,30%	12	66,60%
era	10	55,50%	8	44,40%
erra	11	61,10%	7	38,80%
fera	9	60%	6	40%
ferra	12	66,60%	6	33,30%
fere	12	66,60%	6	33,30%
ferre	12	66,60%	6	33,30%
fora	9	50%	9	50%

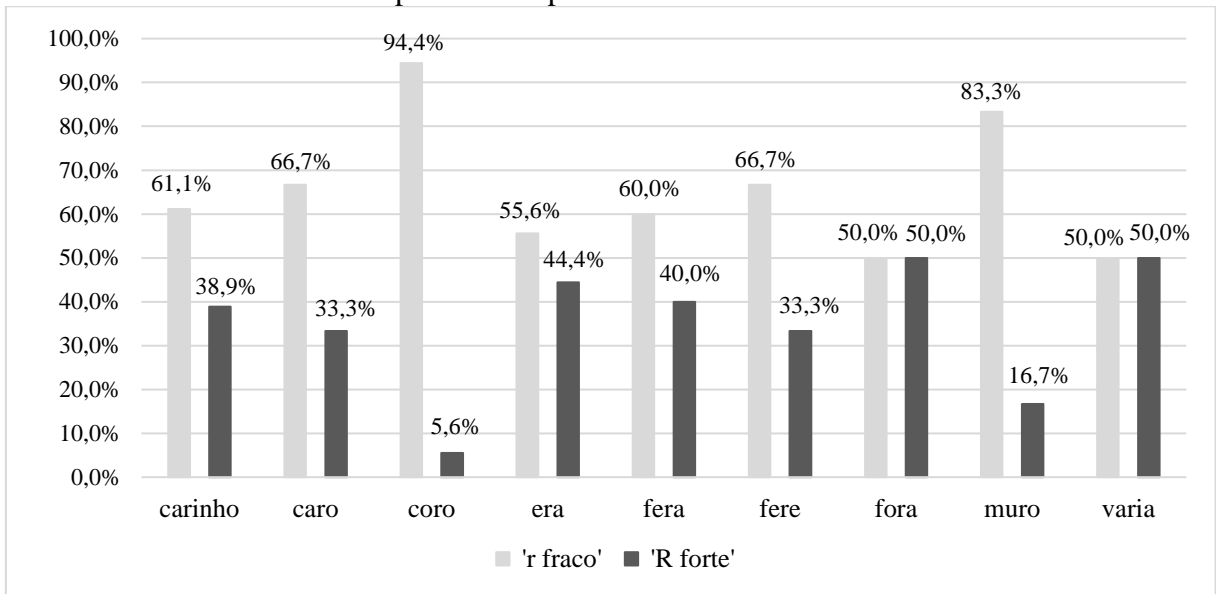
forra	10	55,50%	8	44,40%
muro	15	83,30%	3	16,60%
murro	8	44,40%	10	55,60%
varia	9	50%	9	50%
varria	11	61,10%	7	38,80%
Total	198	61,70%	123	38,30%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Como é possível notar na Tabela 9, não houve nenhuma palavra que não apresentou variação dos róticos intervocálicos conforme seria esperado em contextos de ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PB e PE padrão. As palavras que menos tiveram variação foram ‘coro’, com somente 1 realização não esperada (5,5%), e ‘muro’, com 3 realizações não esperadas (16,6%), ambas com ‘r fraco’ fonológico em PB e PE padrão. As maiores taxas de realizações não esperadas estão relacionadas às palavras ‘carrinho’, com 13 ocorrências (72,2%), e ‘ferra’ e ‘ferre’, com 12 ocorrências (66,6%) para as duas palavras, todas com ‘R forte’ fonológico em PB e PE padrão. Além disso, a variação se apresentou com alta amplitude, de 1 realização não esperada (coro), com taxa de 5,5%, a 13 realizações não esperadas (carrinho), com taxa de 72,2%. A partir dessas observações e da visualização dos dados da Tabela 9, verifica-se que o ‘r fraco’ teve em geral maiores taxas de realizações esperadas, o que era de fato previsível, uma vez que os resultados fonéticos indicaram maior realização de *tap*, que equivale a ‘r fraco’ em PB e PE padrão. Apenas as palavras ‘corro’ e ‘murro’ tiveram maiores taxas de ‘R forte’ em PB e PE padrão, com 12 realizações (66,6%) e 10 realizações (55,6%), respectivamente.

Esses dados podem ser visualizados nos gráficos que se seguem. O Gráfico 4 ilustra as taxas das realizações fonéticas em PP nas palavras com posição fonológica de ‘r fraco’ em PB e PE padrão.

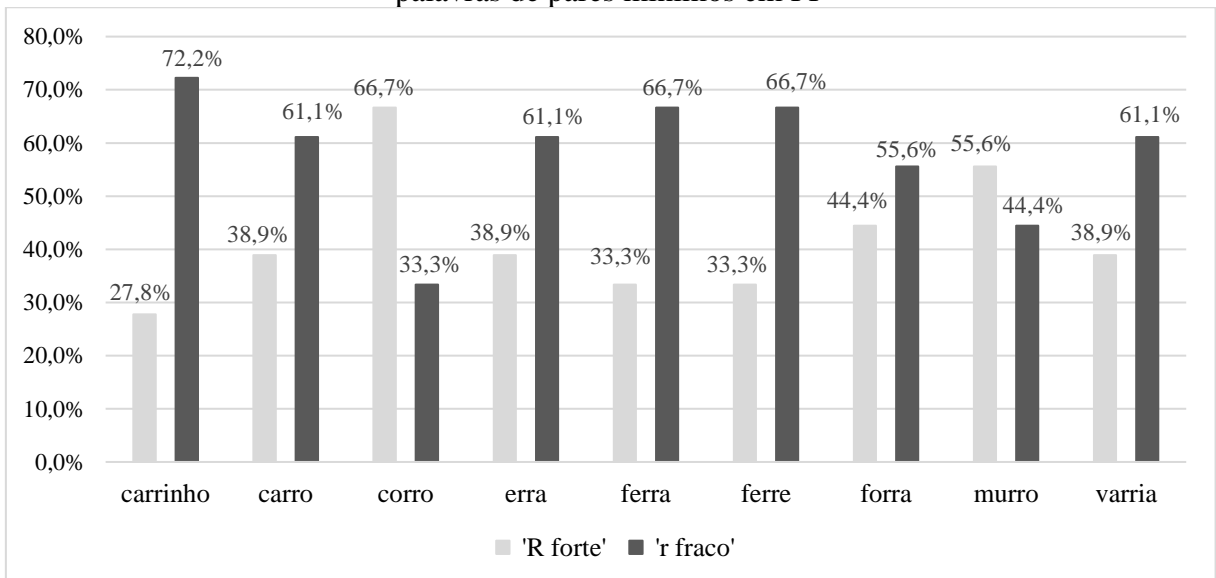
Gráfico 4 – Variantes fonéticas em palavras com ‘r fraco’ intervocálico de PB/PE padrão em palavras de pares mínimos em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

O Gráfico 5 ilustra as taxas percentuais das realizações fonéticas em PP nas palavras com posição fonológica de ‘R forte’ de PB e PE padrão.

Gráfico 5 – Variantes fonéticas em palavras com ‘R forte’ intervocálico de PB/PE padrão em palavras de pares mínimos em PP



Fonte: dados da pesquisa (2021).

Com base na Tabela 10 a seguir, fica explícita a variação fonético-fonológica de PP em relação a outras variedades de português, conforme já salientado. Como se pode notar,

houve realizações não esperadas para uma variedade com dois fonemas róticos em todas as informantes. A amplitude desta variação é de 38,9% a 52,9% de realizações não esperadas, cujos dados são das informantes 6 e 3, respectivamente. Nesse sentido, embora haja uma variação interindividual no que se refere às variantes fonéticas róticas empregadas pelas informantes de PP, os dados de realizações não esperadas em relação às realizações esperadas se aproximam. Assim, corrobora-se a hipótese de que falantes de PP não distinguem fonologicamente ‘r fraco’ e ‘R forte’ no contexto intervocálico, como fazem falantes de PB e PE padrão, por exemplo, ou seja, não se verifica a distinção como de caro:carro (AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b).

Tabela 10 – Realizações fonéticas róticas intervocálicas esperadas e não esperadas para PB/PE padrão em pares mínimos de PP por informante

Realizações	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4	Inf. 5	Inf. 6	Total
	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%	Nº abs./%
Esperadas em PB/PE padrão	27/50%	27/50%	24/47,1%	29/53,7%	32/59,3%	33/61,1%	172/53,6%
Não esperadas em PB/PE padrão	27/50%	27/50%	27/52,9%	25/46,3%	22/40,7%	21/38,9%	149/46,4%

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Com relação ao teste de julgamento de significado dos pares mínimos, pode-se perceber que as informantes não reconhecem a distinção fonológica das palavras, corroborando a análise de que PP possui um só fonema rótico, resultado de fusão fonológica, conforme proposto por Agostinho (2016, 2017), Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b). Ressaltam-se as taxas de 50% de realizações esperadas e não esperadas para ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão pelas informantes 1 e 2, as informantes de faixa etária mais alta do *corpus*. Mas se sobressai, ainda, o resultado de realizações não esperadas pela Informante 3, de 24 anos, tendo uma taxa pouco superior, com 52,9%.

A ausência de distinção fonológica pode-se confirmar também tendo-se em vista as respostas dadas pela Informante 5 quando a pesquisadora pergunta o significado das palavras, conforme transcrito no quadro a seguir.

Quadro 4 – Julgamento de significado de pares mínimos de PB/PE padrão em PP

<i>Input</i>	Significado
varria	Va[r]ia... pode ser va[r]ia de va[r]iar, ou va[r]ia de “ontem eu va[r]ia aquela rua”, ou “qualquer lugar”.
forra	Tem aquele fo[ʁ]a de “sai fo[ʁ]a” daqui e também tem aquele fo[ʁ]a de como você dá a uma pessoa, um fo[ʁ]a tipo deixar daquela pessoa ou não dar confiança, coisas assim. Ou tipo de fo[ʁ]ar uma pa[ʁ]ede, coisas assim.
coro	Tem aquele co[ʁ]o de co[ʁ]er e também tem aquele co[ʁ]o da igreja.
muro	É mu[ʁ]o de mu[ʁ]alha e aquele que dizem “eu te dou um mu[ʁ]o”, coisas assim.

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Nenhuma informante diferenciou os significados dos pares mínimos a partir de uma distinção fonológica como seria esperado em PB e PE padrão. Além disso, a maioria das informantes tratou todos os casos como homófonos, conforme transcrição no Quadro 5 a seguir, quando perguntado a esta mesma Informante 5 se as palavras “carinho” e “carrinho” tinham o mesmo som.

Quadro 5 – Distinção sonora pela Informante 5

<i>Input</i>	Mesmo som?
carinho	Sim. [...] A diferença no som não tem, mas na escrita tem a diferença. O som é o mesmo.

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Outras informantes, talvez por influência da ortografia do PE padrão que circula nos âmbitos formais de STP, que distingue ‘r fraco’ e ‘R forte’ no contexto intervocálico por meio de <r> e <rr>, respectivamente, ficavam em dúvida quanto à afirmação de que o som por elas produzido nas palavras era o mesmo.

Em relação ao entendimento do significado de cada palavra, as informantes respondiam que só era possível saber o significado pelo contexto de fala ou caso seu significado fosse de fato explicado. Um exemplo deste tipo de situação é transcrito no quadro a seguir, referente à explicação do significado pela Informante 1.

Quadro 6 – Identificação do significado da palavra ‘corro’ pela Informante 1

<i>Input</i>	Pesquisadora	Como identificar o significado
corro	Se eu falo “corro” só, você sabe o qual eu estou a falar? Ou você tem que pensar em qual é a explicação? [...] Você vai saber se é esse da igreja, do que “estou a correr” [...]?	Não. Tem que distinguir. “Co[r]o” só a gente não vai saber [...].

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) apresentam dados similares no PST. Seus dados estão transcritos a seguir, para a palavra ‘carinho’, por dois informantes masculinos diferentes:

Quadro 7 – Julgamento de significado de pares mínimos de PB/PE padrão em PST

<i>Input</i>	Significado
carinho	<i>Carinho</i> é esse que a gente <i>core</i> mão [...] Ah, <i>carinho</i> tem significado, tem <i>carinho</i> de roda e tem <i>carinho</i> de marido com marida.
carinho	Vai depender se eu dizer: eu vou comprar um <i>carinho</i> de brinquedo”, mas eu posso dizer também “eu tenho <i>carrinho</i> pra Ana [...]”. Ana que tem que dizer agora “eu tenho um <i>carinho</i> pequeno”, não é <i>carinho</i> [...] por pessoa, Ana tem que classificar esse <i>carinho</i> . (...)”

Fonte: adaptado de Agostinho (2016, 2017).

A análise do teste de julgamento de significado tanto de PP quanto de PST — este por Agostinho (2016, 2017) —, assim como a análise dos dados da lista de pares mínimos permitem afirmar que em PP e PST não há distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’.

Este argumento se aproxima do já exposto por autores para PST, como Bouchard (2017, p. 264), que afirma que não se observa uma “distinção fonológica robusta” entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PST. Além disso, se aproxima também de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017, p. 312), que assumem que “A oposição fonológica R [+ant] *versus* R [-ant] em contexto intervocálico não parece fazer parte do quadro fonológico do PST”, assim como de Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018, p. 220), ao postularem a “neutralização dos dois fonemas róticos /R/ e /r/” em PST.

Para PP, outros autores também já verificaram variação dos róticos nesta variedade, como Serra⁹. Este autor assinala a realização de <rr>, que corresponde a ‘R forte’ em PB e PE padrão, em posição de <r>, ‘r fraco’ em PB e PE padrão, e afirma que “não estamos, portanto, perante apenas um caso de natureza ortográfica” (p. 15), indicando que essa variação relaciona-se a questões da fonologia da língua (Cf. AGOSTINHO; MENDES, 2020). Além disso, Agostinho (2016, 2017), Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) atestam a ausência de distinção fonológica em PP, ao afirmarem que esta variedade tem somente um fonema rótico em seu sistema, cuja análise o presente trabalho corrobora.

Com relação aos resultados de Bouchard (2017), que destaca a produção de ‘R forte’ em PST, na posição de ‘r fraco’ houve 33,9% de realização de variantes correspondentes a ‘R forte’ de PB e PE padrão, sendo realizações não esperadas para estas variedades, e na posição de ‘R forte’ houve 68,7% de variantes correspondentes a ‘R forte’, realizações que seriam esperadas para PB e PE padrão. Comparando-se com a presente análise, em PP, na posição de ‘r fraco’ de PB e PE padrão houve 34,6% de realizações não esperadas para estas variedades, taxa esta correspondente a variantes equivalentes a ‘R forte’ de PB e PE padrão, e na posição de ‘R forte’ houve 42% de casos de variantes equivalentes a ‘R forte’ de PB e PE padrão, que seriam as realizações esperadas para estas variedades. Dessa forma, embora não se empreguem as mesmas metodologias, nota-se que os dados desta pesquisa e de Bouchard (2017) se assemelham, conforme é possível conferir no quadro a seguir, em que os referidos percentuais são sistematizados.

Tabela 11 – Comparação entre dados de PP e PST para a realização de ‘R forte’ nas posições de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB/PE padrão

	PP	PST
Posição de ‘r fraco’ de PB/PE padrão	34,6%	33,9%
Posição de ‘R forte’ de PB/PE padrão	42%	68,7%

Fonte: dados da pesquisa (2021) e Bouchard (2017).

É interessante analisar a respeito do Quadro 6 a proximidade entre os dados de PP e PST, principalmente em relação à posição de ‘r fraco’, com 34,6% em PP e 33,9% em PST. Para a posição de ‘R forte’ de PB e PE padrão, houve maior produção de ‘R forte’ em PST (68,7%), em contraposição aos resultados de PP (42%), com predomínio de ‘r fraco’. Estes percentuais podem indicar uma diferença dialetal entre as duas variedades, embora seja

⁹ SERRA, Aníbal. **Português na Ilha do Príncipe**: apresentação de desvios linguísticos na expressão escrita de alunos do ensino secundário. Universidade de Évora, Évora. [2015?]. Não publicado.

necessário um estudo comparativo entre PP e PST com mesma metodologia e uma maior amostra.

Como destaca Bouchard (2017) para PST, em geral, da categoria de ‘R forte’ de PB e PE padrão, as fricativas foram as realizações fonéticas mais comuns, com 18,5% de fricativas (uvular, velar, glotal) e 4,9% de vibrante (alveolar, uvular), havendo, segundo a autora, maior frequência de produção de fricativa uvular. Nos dados desta autora, para a posição de ‘r fraco’, especialmente, houve 86,5% de realizações de fricativas, e para a posição de ‘R forte’ de PB e PE padrão, 61,9%, em comparação com vibrantes. Com base nos dados de Bouchard (2017), a fricativa uvular é mais utilizada entre os falantes mais jovens de PST, como uma variante que marca a diferença entre gerações mais novas e mais velhas. Porém, a análise de Bouchard (2017) assume uma distinção subjacente entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PST, partindo do sistema fonológico de PE. Ao contrário, este estudo assume que em PP assim como em PST, variedade próxima de PP, há somente um fonema rótico. Dessa forma, uma distinção fonológica entre fonemas róticos nestas variedades seria inexistente.

Diferentemente dos dados de Bouchard (2017), na pesquisa de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) também sobre PST, o *tap* é a variante rótica mais comum no contexto intervocálico. É válido ressaltar acerca dos resultados de Bouchard (2017) e Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), no entanto, que os dados de Bouchard (2017) são mais recentes do que os de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), sendo estes últimos coletados em 2009. No estudo de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), para as posições fonológicas de ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão, o PST apresenta 92,3% e 58,4% de *tap*, respectivamente. Tendo-se isso em vista, os autores corroboram a argumentação de Bouchard (2017) de que não parece haver uma distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PST, embora tenha sido prevacente no estudo de Bouchard (2017) a realização de ‘R forte’, notadamente fricativas e em grande parte a uvular, e não ‘r fraco’ (*tap*) em contexto intervocálico. Ademais, Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) apontam que a variação dos róticos intervocálicos em PST surgem em razão de uma aprendizagem “defectiva” [sic] da norma padrão de PE. No entanto, a posição teórica deste trabalho é a de que a ausência de contraste fonológico entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ se deve ao fato de que PP, como PST, tem um único fonema rótico, portanto, um sistema fonológico diferente do de PE e PB padrão, por exemplo, decorrente do contato linguístico na região.

Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018), que também investigam a produção rótica em PST, constataram que, dentre todas as posições silábicas analisadas, a realização de fricativa

uvular é predominante em PST, que corresponderia ao ‘R forte’ de PB e PE padrão. Dessa forma, os autores corroboram o estudo de Bouchard (2017), mas não o de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), de modo que estes descreveram o *tap* como majoritário em PST. Em *onset* simples, Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018) observaram que para a posição fonológica de PB e PE padrão de ‘r fraco’ há a taxa de 11% de *tap/flap* alveolar, seguido de 9% de fricativa uvular vozeada. Quanto à posição de ‘R forte’, os autores observaram maiores taxas de vibrante alveolar (3%) e fricativa uvular (2%). Diante dessa variação de realizações esperadas e não esperadas em PST para as variedades de PB e PE padrão, os autores assumem neutralização dos róticos em PST. Uma vez que a hipótese da neutralização fonológica presume a existência de dois fonemas róticos em outro contexto silábico, o presente estudo diverge da postura teórica de Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018), haja vista que neste trabalho defende-se um único fonema rótico em PP, como em PST, variedade próxima de PP, como consequência do processo de fusão fonológica dos dois róticos de PE padrão (cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b).

Ademais, a presente análise corrobora a constatação da variação rótica intervocálica por Serra¹⁰ que verificou, em dados de escrita de PP, realizações de <rr> em posição fonológica de ‘r fraco’ de PB e PE padrão. No entanto, o presente estudo diverge de Serra na medida em que o autor argumenta que os desvios ortográficos têm caráter “aleatório” [sic] e surgem em PP em razão a uma “confusão” [sic] das variantes róticas por influência das línguas crioulas da região (Cf. AGOSTINHO; MENDES, 2020). Ao contrário, a presente pesquisa reconhece a variação como indicativo de que estas variedades têm somente um fonema rótico e, portanto, possuem um sistema fonológico distinto de PB e PE padrão (Cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b). O comportamento linguístico, tanto escrito quanto oral de falantes de PP e PST, portanto, apenas se apresenta de acordo com a gramática fonológica destas variedades, que se difere da gramática fonológica de PB e PE padrão.

A partir dos dados de escrita de Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), verificou-se que falantes de PP não diferenciam pares mínimos isoladamente em testes de fala. Com relação aos dados de escrita, constataram-se 69% de desvio ortográfico para <rr> e 19% para <r>. Quanto às sentenças, os autores verificaram 70% de desvio ortográfico para <rr> e 30% para <r>. Em relação aos dados de fala do presente trabalho, as taxas se aproximam dos

¹⁰ SERRA, Aníbal. **Português na Ilha do Príncipe**: apresentação de desvios linguísticos na expressão escrita de alunos do ensino secundário. Universidade de Évora, Évora. [2015?]. Não publicado.

de Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), de forma que se obteve 58% de realizações não esperadas para ‘R forte’ e 34,6% para ‘r fraco’. Haja vista o baixo número de pares mínimos em PP, tanto nos dados escritos quanto orais, os autores propõem que esta variedade não distingue ‘r fraco’ e ‘R forte’, o que reflete na fala e na escrita dos falantes de PP.

Portanto, esta análise dos róticos intervocálicos em PP vai ao encontro com a pesquisa de Agostinho (2016, 2017), Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) sobre PP e PST. Tais autores afirmam que a variação fonética dos róticos intervocálicos encontrada em PP se deve à falta de distinção fonológica dos róticos nestas variedades, decorrente de uma fusão fonológica dos fonemas ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PE. Dessa forma, segundo os autores, PP teria apenas um fonema rótico, que está em variação na posição intervocálica, podendo ser realizado por alofones róticos das classes fricativas ou vibrantes. O presente trabalho também corrobora a proposta de que a fusão fonológica dos fonemas róticos em PP e PST se deu em virtude do contato linguístico com as línguas crioulas da região (lung’Ie, santome e angolar).

No tocante aos róticos dos crioulos falados em STP, o lung’Ie apresenta somente um fonema rótico, que pode ser realizado como *tap* [r] ou vibrante alveolar [r] (AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017), e o santome e o angolar não possuem fonema rótico (FREITAS; BANDEIRA; AGOSTINHO, 2021; BANDEIRA, 2017; FERRAZ, 1978). Sobre o kabuverdianu falado em STP, não há dados, mas a variedade presente em Cabo Verde possui somente um fonema rótico, podendo ser realizado como *tap* [r] ou vibrante alveolar [r], assim como o lung’Ie (LANG, 2002).

Ao mesmo tempo, é possível observar a falta de distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em outros contextos em que há contato linguístico entre variedades que possuem um e dois fonemas róticos. Por exemplo, Lipski (2004) constatou que na Guiné Equatorial, onde o espanhol está em contato com o fa d’Ambô, língua crioula geneticamente relacionada às línguas crioulas de STP, não há distinção entre ‘r fraco’ e ‘R forte’. Segundo Lipski (2004), no contexto intervocálico estes fonemas podem ser pronunciados como *tap* ou como vibrante pela variedade da Guiné Equatorial, como ‘pesajerra’ para ‘pesajera’, ‘querria’ para ‘querría’.

Em estudos de PB também se verifica o mesmo comportamento. Margotti (2004), que estuda variedades de português em contato com línguas de imigração italiana do Sul do Brasil, observa que falantes destas regiões em situações de contato empregam ‘r fraco’ (*tap* ou aproximante) na posição de ‘R forte’ (posição de vibrante ou fricativa em PB e PE padrão) no contexto intervocálico. Por exemplo, há em seus dados ‘moro’ ([‘moro]) para ‘morro’ e ‘arreja’

([areja, aɛja]) para ‘areia’. Segundo Margotti (2004), esta falta de distinção fonológica corresponde à neutralização dos fonemas róticos de PB por influência dos dialetos italianos nessas regiões, que têm apenas um fonema rótico, o *tap*, de articulação fraca.

Em um estudo sobre o português em contato com o hunsrückisch, língua de imigração germânica no Rio Grande do Sul, que também tem o *tap*, ‘r fraco’, como único fonema rótico, Martins (2013) também observou variação fonética para ‘r fraco’ e ‘R forte’ em contexto intervocálico, tanto em dados orais quanto escritos. Em seus resultados, os falantes analisados produziram 68,8% de realizações fonéticas de ‘r fraco’ em posição de ‘R forte’ de PB e PE padrão, como ‘caroça’ ([ka’rɔsɐ]) para ‘carroça’, e 4,7% de realização fonética de ‘R forte’ em posição de ‘r fraco’ de PB e PE padrão, como ‘barrata’ ([ba’xatɐ]) para ‘barata’. Para os dados de escrita, a autora observou 59,3% de <r> em contexto de <rr>, como ‘garafa’ para ‘garrafa’, e 1,5% de <rr> em posição de <r>, como ‘urrubu’ para ‘urubu’.

Spessatto, Loregian-Penkal, Agostinho e Pereira (2021) analisam as interferências linguísticas, dentre elas fonético-fonológicas, no português do século XX em Chapecó, decorrentes do contato linguístico com o vêneto, língua de imigração italiana no Sul do Brasil. Os dados são provenientes de cartas pessoais de 1914 a 1970 e de cartas de leitores de jornais de 1940 a 1990. As autoras verificaram neutralização da consoante vibrante alveolar, que na escrita em português corresponde a <rr>, sendo substituída pelo *tap*, que equivale a <r> no português. Nas cartas, grafaram-se, por exemplo, ‘aborrecida’ para ‘aborrecida’, ‘aroz’ para ‘arroz’, ‘arange’ para ‘arrange’, entre outras.

Em um estudo sobre as características do português falado por descendentes de italianos em Chapecó, a partir de coleta de dados orais pelo projeto VARSUL em 1980 e 1990, Spessatto (2001) constata variação referente ao uso de vibrante alveolar, ‘R forte’, e *tap*, ‘r fraco’, nos contextos de início de palavra e intervocálico. A autora observou maior variação para o contexto de ‘R forte’, com 46% de ocorrências de *tap*, 35% de uma variante intermediária e apenas 19% de vibrante alveolar. De outro lado, nos contextos de ‘r fraco’ houve menor variação, com 95% de ocorrências esperadas, sendo de *tap*, e apenas 4,5% de vibrante alveolar e 0,5% de variante intermediária, ocorrências não esperadas para PB padrão.

Como já discutido, em PB e PE há oposição dos róticos ‘r fraco’ e ‘R forte’ apenas em posição intervocálica, como caro:carro, estando em variação livre nos demais contextos silábicos (BISOL, 2014; CAMARA JR., 2017; MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI; REDENBARGER, 2016; TEYSSIER, 2014). Como atesta Hualde (2004), o mesmo comportamento é verificado no espanhol. Este autor postula que os róticos neste idioma tem

uma distinção fonológica intervocálica “robusta”, considerando a grande quantidade de pares mínimos existentes no idioma por meio dos róticos intervocálicos. Segundo o autor, nos demais contextos silábicos ocorre neutralização. Hualde (2004) afirma que os róticos em espanhol são mais intimamente ligados do que outros pares de fonemas, devido ao seu contraste fonológico limitado. Diante disto, para Hualde (2004), a concepção dos róticos ‘r fraco’ e ‘R forte’ em espanhol como dois fonemas distintos é problemática, devido ao seu comportamento intermediário como “quase-fonema” (“phonological categorization may also involve more and less inclusive categories” (p. 20)).

Em referência a isto, Labov (1994 apud WEDEL; KAPLAN; JACKSON, 2013) afirma que, apesar da função dos fonemas das línguas de distinguir significados, pode acontecer de estes fonemas fundirem-se um com o outro. Nesse sentido, Wedel, Kaplan e Jackson (2013) afirmam que quanto menor a carga funcional de um fonema, ou seja, quanto menos ele contribui para a distinção de significados em uma língua, maior é a probabilidade de se fundirem, tornando-se um só fonema. Assim, este trabalho corrobora a hipótese de que há uma relação entre mudança sonora e carga funcional (Cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b; HALL, 2013; WEDEL; KAPLAN; JACKSON, 2013).

Ademais, a posição de Camara Jr. (1953), Abaurre e Sandalo (2003) e Mateus e d’Andrade (2000) também são compatíveis com os resultados desta pesquisa. No entendimento destes autores, o português tem somente um fonema rótico, o que vai ao encontro com a hipótese da existência de um único fonema rótico em PP, considerando-se nesta variedade a falta de distinção fonológica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ existentes PB e PE padrão. No caso de Camara Jr. (1953), reconhece-se a vibrante alveolar como único fonema de PB, que é enfraquecido entre vogais, passando a ser um “r brando”, o *tap*. Para Abaurre e Sandalo (2003), o único fonema existente também é a vibrante alveolar, em subjacência, e que em contexto intervocálico é enfraquecido, passando a ser *tap*. Mateus e d’Andrade (2000), por sua vez, afirmam que o fonema rótico em português é o *tap/flap*, e que em contexto de ‘R forte’ há dois fonemas róticos subjacentes, um em coda da sílaba anterior e outro em *onset* da próxima sílaba.

Assim, apesar de este trabalho partir do pressuposto de que o português possui dois fonemas róticos, haja vista que é a posição mais assumida, Camara Jr. (1953), Abaurre e Sandalo (2003) e Mateus e d’Andrade (2000) propõem uma análise semelhante à que aqui se propõe para PP, uma vez que consideram que a distinção intermediária (Cf. HALL, 2013) dos róticos em português não configura uma distinção fonológica. No entanto, se se considerasse

esta proposta, não seria possível argumentar que PP e PST apresentam uma fusão fonológica de dois fonemas diferentes, mas sim uma fusão de uma sequência de dois fonemas iguais.

Portanto, tendo-se em vista os dados apresentados neste trabalho, que verificam a ausência de distinção intervocálica entre ‘r fraco’ e ‘R forte’ em PP, sugere-se que esta variedade possui um único rótico, devido a fatores que envolvem baixa carga funcional dos róticos em português e o contato linguístico na região, com variedades com somente um ou nenhum fonema rótico. Em STP, este contato ocorre com as línguas crioulas lung’Ie, santome, angular e kabuverdianu. Assim, a mesma explicação para a ausência de distinção fonológica também pode ser replicada ao caso do PST, em contato com as línguas crioulas da região. E, da mesma forma, pode ser relacionada a variedades de espanhol e português também em situações de contato linguístico, conforme retratado anteriormente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O português principense é falado na Ilha do Príncipe, de São Tomé e Príncipe, país insular africano localizado no Golfo da Guiné, costa ocidental da África. Apesar de que neste país é a norma portuguesa europeia a empregada nos âmbitos formais, como Estado, mídia e educação, verifica-se que há variedades portuguesas vernaculares distintas da norma de prestígio, que são o português principense (PP) e são-tomense (PST), que perfazem a macrovariedade de São Tomé e Príncipe (PSTP) (SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020).

No quadro dos róticos intervocálicos, alguns autores já enfatizaram a singularidade de PP e PST em comparação com demais variedades portuguesas, tais como PB e PE padrão (Cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b; BALDUINO, 2018; BOUCHARD, 2017; BRAGA, 2018; BRANDÃO; PESSANHA; PONTES; CORRÊA, 2017; PEREIRA; HAGEMEIJER; FREITAS, 2018, entre outros). Contudo, como afirma Hagemeijer (2016), as variedades de STP, no plano das variedades africanas de língua portuguesa, principalmente o PP, carecem de descrições e análises linguísticas, sobretudo da área da fonética e fonologia.

Tendo isso em vista, este estudo objetivou descrever e analisar a produção oral dos róticos de posição intervocálica em PP, por meio de uma investigação fonético-fonológica e pelo viés do contato linguístico. Utilizou-se, para a análise de PP, o contraste entre os dois fonemas róticos ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão, que é a posição comumente assumida

entre os teóricos em relação a PB e PE padrão, uma vez que é a norma europeia a empregada nos âmbitos formais do Estado de STP.

O corpus utilizado para a pesquisa é composto de gravações feitas *in loco* em 2016 com 6 informantes do gênero feminino, naturais e residentes na Ilha do Príncipe e de idade e escolaridade variadas. Utilizou-se uma lista de 48 palavras, dentre as quais 18 formam pares mínimos em PB e PE padrão, sendo o objeto da descrição e análise. Para a demonstração das variantes encontradas, apresentaram-se espectrogramas e formas de onda das palavras que não formam pares mínimos em PB e PE padrão, para que não se baseasse nos sistemas fonológicos de PB e PE padrão da distinção entre ‘r fraco’ e ‘R forte’.

Os resultados deste trabalho revelaram que em PP não há distinção fonológica entre os fonemas ‘r fraco’ e ‘R forte’ no contexto intervocálico, como seria esperado para PB e PE padrão (Cf. ABAURRE; SANDALO, 2003; BISOL, 2014; CAMARA JR., 2017; MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI; REDENBARGER, 2016; MATEUS; D’ANDRADE, 2000; TEYSSIER, 2014). Ou seja, notou-se que em PP não há distinção como entre caro:carro, por exemplo. Sugere-se que este fenômeno está associado a uma fusão dos dois róticos de PE em PP, em razão do contato linguístico com as línguas crioulas da região e o comportamento de “quase-fonema” dos róticos em português, tendo em vista sua carga funcional limitada, havendo uma distinção intermediária (Cf. AGOSTINHO, 2016, 2017; AGOSTINHO; MENDES, 2020; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b; HALL, 2013; HUALDE, 2004; WEDEL; KAPLAN; JACKSON, 2013).

Registraram-se 53,6% de realizações esperadas e 46,4% de realizações não esperadas em PP para o sistema fonológico de PB e PE padrão. Assim, cerca da metade das realizações róticas intervocálicas registradas em PP seriam não esperadas em PB e PE padrão, demonstrando que PP apresenta um sistema fonológico distinto destas variedades. A posição de PB e PE padrão que mais obteve realizações não esperadas foi de ‘R forte’, com 58% de ocorrências de ‘r fraco’, em contraste com a posição de ‘r fraco’, que obteve 34,6% de realizações fonéticas equivalentes a ‘R forte’, que seriam não esperadas em PB e PE padrão.

Dessa forma, a variante fonética rótica intervocálica predominante nos dados desta pesquisa foi o *tap* [ɾ], que corresponderia ao fonema ‘r fraco’ em PB e PE padrão. No geral, houve 61,7% de ocorrências de *tap* [ɾ], 34,6% de fricativa uvular [ʁ] e 3,7% de vibrante alveolar [r]. Destaca-se que, considerando-se a dificuldade de detecção de fricativas róticas posteriores (LADEFOGED; MADDIESON, 1996) e o pressuposto de que a fricativa uvular é a variante rótica fricativa posterior mais comum em PSTP (Cf. BOUCHARD, 2017; BRANDÃO;

PESSANHA; PONTES; CORRÊA, 2017; PEREIRA; HAGEMEIJER; FREITAS, 2018), incluíram-se as demais eventuais fricativas posteriores na categoria de fricativa uvular.

Verificou-se que a variação fonética é constante tanto no âmbito interindividual quanto intraindividual. Dessa forma, enquanto o *tap* foi o rótico mais utilizado por algumas informantes, sendo elas as informantes 2, 3, 5 e 1, com 100%, 92,1%, 83,3% e 63% dos casos, respectivamente, em outros casos preferiu-se a realização da fricativa uvular, que são as informantes 4 e 6, com, respectivamente, 81,5% e 85,2% de frequência de uso. A vibrante alveolar apresentou pouca adesão pelas informantes, de modo que a que mais realizou foi a Informante 1, com 20,4% dos casos.

Por conta do número reduzido de informantes, não foi possível observar significativamente a influência das variáveis extralinguísticas idade e escolaridade em relação ao emprego das variantes fonéticas em PP. Verificou-se que as quatro informantes abaixo de 28 anos empregaram majoritariamente tanto *tap* quanto fricativa uvular e as duas informantes de faixa etária mais alta, com acima de 40 anos, informantes 1 e 2, empregaram com maior frequência o *tap*. A Informante 2 apresentou a taxa mais expressiva de *tap* (100%). A taxa de *tap* pela Informante 1, porém, não foi tão expressiva (63%), mas, ao mesmo tempo, observou-se na sua produção a maior taxa de vibrante alveolar entre todas as informantes (16,6%). Propõe-se que estes resultados estão associados ao contato com o *lung'le*, uma vez que as informantes 1 e 2 são falantes desta língua crioula, que tem somente um fonema rótico, podendo ser realizado como *tap* ou vibrante alveolar. Ademais, estas duas informantes, 1 e 2, também apresentam o mesmo nível de escolaridade (fundamental completo e incompleto), o que também pode estar associado ao seu maior emprego de *tap*. É de se notar, também, que ambas tiveram a mesma taxa de realizações esperadas e não esperadas para PB e PE padrão, com 50% para 'r fraco' e 'R forte'. Salienta-se, entretanto, que a Informante 3, de 24 anos, teve uma taxa superior de realizações não esperadas, com 52,9%. Dessa forma, mostra-se relevante a realização de estudo com uma amostra maior de informantes, para melhor avaliação destas variáveis extralinguísticas, assim como de variáveis em relação ao gênero, à etnia e o uso das línguas crioulas pelos informantes, por exemplo.

Ademais, a amplitude da taxa de realizações não esperadas foi de 38,9 (Informante 6) a 52,9% (Informante 3). Portanto, mostra-se que não há uma grande variação interindividual no que se refere às realizações não esperadas para PB e PE padrão em PP, o que revela relativa estabilidade quanto ao uso dos róticos de forma distinta se comparado a PB e PE padrão no

contexto intervocálico, corroborando de que nesta variedade não há oposição entre um ‘r fraco’ e um ‘R forte’.

Verificou-se maior taxa do que seria ‘r fraco’, com 61,7%, correspondente ao *tap*, ao passo que ‘R forte’ apresentou 38,3% de realizações, correspondente à fricativa uvular e vibrante alveolar. Assim, registraram-se realizações de ‘r fraco’ na posição fonológica de ‘R forte’ e vice-versa. Ou seja, registraram-se tanto ‘carinho’ para ‘carrinho’, quanto ‘carrinho’ para ‘carinho’. Todas as informantes apresentaram realizações de ‘r fraco’ e ‘R forte’ não esperadas para uma variedade com distinção fonológica de róticos intervocálicos, de maneira que houve tanto a aderência total ao ‘r fraco’, pela Informante 1, como grande aderência ao ‘R forte’ (92%), como pela Informante 3. Nesse sentido, a variação interindividual relativamente às realizações de variantes fonéticas equivalentes a ‘r fraco’ e ‘R forte’ de PB e PE padrão é acentuada nos dados analisados.

Com isso, constata-se baixo número de pares mínimos com róticos intervocálicos em PP. Assim, verificou-se que esta variedade não distingue ‘r fraco’ e ‘R forte’, tal como PB e PE padrão, por exemplo. O presente trabalho assume a posição de Agostinho (2016, 2017) sobre PP e PST e de Agostinho e Mendes (2020) e Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b) sobre PP de que há somente um rótico em PP, em razão de fusão fonológica dos fonemas róticos de PE ocorrida devido ao contato linguístico com as línguas crioulas da região (*lung’Ie*, *kabuverdianu*, *santome* e *angolar*), bem como à baixa carga funcional dos róticos em português (Cf. HALL, 2013; HUALDE, 2004; WEDEL; KAPLAN; JACKSON, 2013). Sugere-se também que haja uma diferença dialetal entre as variedades PP e PST, com predominância de *tap* (‘r fraco’ para PB e PE padrão) em PP e fricativa uvular (‘R forte’ para PB e PE padrão) em PST (BOUCHARD, 2017; PEREIRA; HAGEMEIJER; FREITAS, 2018), apesar de que seja necessário um estudo com maior número de informantes.

Em *lung’Ie*, conforme Agostinho (2015), há apenas um fonema rótico, em variação livre, que pode ser realizado pelas variantes *tap* ou vibrante alveolar. Em relação ao *kabuverdianu*, aquele falado na Ilha de Santiago, em Cabo Verde, também possui apenas um fonema rótico, podendo ser realizado como *tap* ou vibrante alveolar em *onset* silábico (LANG, 2002). Contudo, este autor afirma que em variedades mais próximas do português pode haver distinção entre ‘r fraco’ e ‘R forte’. O *santome*, crioulo falado na Ilha de São Tomé e geneticamente relacionado ao *lung’Ie*, também não possui fonema rótico, de acordo com Ferraz (1978). Da mesma forma, o *angolar* também não possui fonema rótico em seu sistema consonantal (BANDEIRA, 2017; FREITAS, BANDEIRA; AGOSTINHO, 2021).

Essa hipótese do contato linguístico também considera outras situações em que há contato entre línguas de um e dois róticos, como na Guiné Equatorial, onde o espanhol está em contato com o fa'd Ambô (Cf. LIPSKI, 2004), e no Sul do Brasil, onde o português está em contato com dialetos de imigração italiana e germânica (Cf. MARGOTTI, 2004; MARTINS, 2013; SPESSATTO, 2001; SPESSATTO; LOREGIAN-PENKAL; AGOSTINHO; PEREIRA, 2021). Como constatado, tais situações de contato promovem a fusão dos fonemas róticos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SANDALO, Maria Filomena Spatti. Os róticos revisitados. *In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela (org.). Teoria linguística: fonologia e outros temas.* João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 144-180

AGOSTINHO, Ana Lúvia dos Santos. **Fonologia e método pedagógico do lung'le.** 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22062015-141126/pt-br.php>. Acesso em: 5 abr. 2020.

AGOSTINHO, Ana Lúvia. Róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO CONTATO LINGUÍSTICO*, 9., 2016. Brasília. **Resumos [...]**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. p. 48-49. Disponível em: <https://encontroabecs.wordpress.com/cad-de-resumos/>.

AGOSTINHO, Ana Lúvia. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe. *In: V Jornada do VARSUL*, 06-08 de abril, 2017. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

AGOSTINHO, Ana Lúvia; BALDUINO, Amanda Macedo. **Trabalho de campo em São Tomé e Príncipe.** Manuscrito, 2016.

AGOSTINHO, Ana Lúvia; BANDEIRA, Manuele; FREITAS, Shirley. Línguas crioulas e o papel da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. *In: VASCONCELOS, Silvia Ines Coneglian Carrilho de; SOUZA, Fábio Marques de (org). Lusofonias em debate.* São Paulo: Mentis Abertas, 2020. p. 63-86.

AGOSTINHO, Ana Lúvia; MENDES, Maiara Casal. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 154-176, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31830>. Acesso em: 10 jan. 2021.

AGOSTINHO, Ana Lúvia; SOARES, Eduardo; MENDES, Maiara. Fusão de quase-fonemas em situações de contato: evidência de róticos em português principense. *In: ENCONTRO ONLINE DE FONÉTICA E FONOLOGIA*, 1., 2020a. Belo Horizonte. **Resumos [...]**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/enoff/programa%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>.

AGOSTINHO, Ana Lúvia; SOARES, Eduardo; MENDES, Maiara. Merging of quasi-phonemes in contact situations: Evidence from rhotics in Principense Portuguese. *In: ANNUAL MEETING ON PHONOLOGY 2020*, 2020b. Santa Cruz. **Resumos [...]**. Santa Cruz: University of California, Santa Cruz, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Lkn5MXdiJ39abceSWC7Rkheaa96y9b5u/view>.

ANTUNES DE ARAUJO, Gabriel de; MACEDO BALDUINO, Amanda. Nasalização vocálica no Português urbano de São Tomé e Príncipe. **Diacrítica**, v. 2, n. 33, 41-68, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/diacritica.256>. Acesso em: 5 out. 2021.

ARAUJO, Gabriel Antunes de; AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 26, p. 49-81, 2010. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao26/edicao26.html>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ARENDS, Jacques. The socio-historical background of creoles. *In*: ARENDS, Jaques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval (ed.). **Pidgins and Creoles: an introduction**. 15. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 15-24.

BALDUINO, Amanda Macedo. **A nasalidade no português de STP**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-03072018-123304/pt-br.php>. Acesso em: 10 abr. 2020.

BALDUINO, Amanda Macedo; ARAUJO, Gabriel Antunes de; AGOSTINHO, Ana Livia; BANDEIRA, Manuele. Nasalização heterossilábica de [a] no português de São Tomé e Príncipe. **Études Romanes de Brno**, Masaryk University, Brno, v. 2, p. 295-315, 2019. Disponível em: <https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/144459>. Acesso em: 3 out. 2021.

BANDEIRA, Manuele. **Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné**. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05042017-134159/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

BISOL, Leda. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BOUCHARD, Marie-Eve. 2017. **Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé**. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics, New York University, New York, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321184199_Linguistic_variation_and_change_in_the_Portuguese_of_Sao_Tome. Acesso em: 7 mar. 2020.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; PESSANHA, Davi Bretas dos Santos; PONTES, Stefany de Paulo; CORRÊA, Monique Oliveira. Róticos na variedade urbana do português de São Tomé. **PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 293-315, 2017. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2762>.

BRAGA, Gabriela. **Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-13082018-154538/pt-br.php>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CALDEIRA, Arlindo Manuel. La leyenda de Lodã, o de cómo Rolando, compañero del emperador Carlomagno, defendió la isla de Annobón de una invasión terrible. **Oráfrica, revista de oralidad africana**, n. 6, p. 89-114, 2010.

CALDEIRA, Arlindo Manuel. Aprender os trópicos: plantações e trabalho escravo na ilha de São Tomé. In: MACHADO, Margarida Vaz do Rego; GREGÓRIO, Rute Dias; SILVA, Susana Serpa (coord.). **Para a história da escravatura insular nos séculos XV a XIX**. Ponta Delgada: CHAM – Centro de História de Além-Mar, 2013. p. 25-54.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 47. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHRISTOFOLETTI, Alfredo. **Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30072013-105553/pt-br.php>. Acesso em: 5 abr. 2020.

CHRISTOFOLETTI, Alfredo; ARAUJO, Gabriel Antunes de. Vogais e ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe. In: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ARAUJO, Gabriel Antunes de (org.). **O português na África Atlântica**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 261-296.

DAVAL-MARKUSSEN, Aymeric; BAKKER, Peter. Creole typology II: Typological features of creoles: From early proposals to phylogenetic approaches and comparisons with non-creoles. In: BAKKER, Peter; BORCHSENIUS, Finn; LEVISEN, Carsten; SIPPOLA, Eeva (ed.). **Creole Studies Phylogenetic Approaches**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 103-140.

FERRAZ, Luiz Ivens. The Creole of São Tomé. **African Studies**, [s.l.], v. 37, n. 1, p. 3-68, 1978. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00020187808707508>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele; AGOSTINHO, Ana Lúcia. A migração caboverdiana para São Tomé e Príncipe: condições de vida e percepções. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1-22, 2021.

GONÇALVES, Rita Margarida Gamito. **Propriedades de subcategorização verbal no português de S. Tomé**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4252>. Acesso em: 3 out. 2021.

GONÇALVES, Rita; HAGEMEIJER, Tjerk. O português num contexto multilíngue: o caso de São Tomé e Príncipe. **Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane**, Universidade de Lisboa, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 87-107, 2015.

HAGEMEIJER, Tjerk. As lhas de Babel: a criouliização no Golfo da Guiné. **Revista Camões**, [S. l.], n. 6, p. 74-88, 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/31027>. Acesso em: 5 jun. 2019.

HAGEMEIJER, Tjerk. As Línguas de S. Tomé e Príncipe. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**, Universidade de Lisboa, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 1-27, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/31026>. Acesso em: 5 jun. 2019.

HAGEMEIJER, Tjerk. The Gulf of Guinea Creoles: Genetic and typological relations. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 26, n. 1, p. 111-154, 2011. Disponível em: <http://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/jpcl.26.1.05hag>. Acesso em: 5 fev. 2021.

HAGEMEIJER, Tjerk. O português em contacto em África. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (ed.). **Manual de linguística portuguesa**. [S. l.]: De Gruyter, 2016. p. 43-67. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110368840-004/html>. Acesso em: 5 jun. 2019.

HAGEMEIJER, Tjerk; ROCHA, Jorge. Creole languages and genes: the case of São Tomé and Príncipe. **Faits de Langues**, [s. l.], v. 49, n. 1, p. 167-182, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/31033>. Acesso em: 30 ago. 2020.

HALL, Kathleen Currie. A typology of intermediate phonological relationships. **The Linguistic Review**, [s. l.], v. 2, n. 30, 215-275, 2013.

HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara. A origem dos crioulos de base lexical portuguesa. **Romanica Cracoviensia**, Kraków, v. 11, p. 177-185, 2012.

HUALDE, José Ignacio. Quasi-Phonemic Contrasts in Spanish. 2004. WCCFL 23 **Proceedings** [...]. Somerville: Cascadilla Press, 2004. p. 374-398.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento Geral da População e da Habitação**: População segundo Línguas Faladas. São Tomé e Príncipe: INE. 2012.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The Sounds of the World's Languages**. Cambridge: Blackwell, 1996.

LANG, Jürgen. **Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)**. 2002. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/16081891/gramatica-do-crioulo-da-ilha-de-santiagocabo-verde-opus>. Acesso em: 9 nov. 2020.

LIPSKI, John. The Spanish Language of Equatorial Guinea. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, [S. l.], v. 8, p. 115-130, 2004.

LORENZINO, Gerardo Augusto. Uma avaliação socio-linguística sobre São Tomé e Príncipe. *In: Congresso Internacional sobre o Português: Actas*. Inês Duarte e Isabel Leiria (org.). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística e Edições Colibri, 1996. Disponível em: https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/LORENZINO_G_avaliacao_socio-linguistica_sobre_Sao_Tome_e_Principe.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Linguagem no Contexto Social) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86624>. Acesso em: 5 ago. 2021.

MARTINS, Rosemari Lorenz. **Influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do hunsrückisch**: consoantes oclusivas, fricativas e róticas. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2153>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos; REDENBARGER, Wayne J. A Comparative Study of the Sounds of European and Brazilian Portuguese: Phonemes and Allophones. *In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio. The Handbook of Portuguese Linguistics*. 1. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2016. p. 56-68.

MATEUS, Maria Helena; D'ANDRADE, Ernesto. **The Phonology of Portuguese**. New York: Oxford University Press Inc., 2000.

MAURER, Philippe. **Principense (Lung'le)**: Grammar, Texts, and Vocabulary of the Afro-Portuguese Creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea. Londres: Battlebridge Publications. 2009.

MCWHORTER, John. Mesolect as the norm: semi-creoles revisited. **PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 91-110, 2014.

MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval. The study of pidgin and creole languages. *In: ARENDS, Jaques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval (ed.). Pidgins and Creoles: an introduction*. 15. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 3-14.

PEREIRA, Rodrigo; HAGEMEIJER, Tjerk; FREITAS, Maria João. Consoantes róticas e variação no português de São Tomé. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, Universidade de Lisboa, Lisboa, n. 4, p. 206-224, 2018. Disponível em: <https://ojs.apl.pt/index.php/RAPL/article/view/41>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SANTIAGO, Ana Maria; AGOSTINHO, Ana Lúcia. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. **Revista A Cor das Letras**, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4970>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SANTIAGO, Ana Maria; BALDUINO, Amanda Macedo; AGOSTINHO, Ana Lúcia; SOARES, Eduardo Correa. **As vogais no português do Príncipe**. No prelo.

SEIBERT, Gerhard. São Tomé & Príncipe: The first plantation economy in the tropics. *In*: LAW, Robin; SCHWARZ, Suzzane; STRICKRODT, Silke (ed.). **Commercial Agriculture, the Slave Trade and Slavery in Atlantic Africa**. [S. l.]: Boydell & Brewer, 2013. p. 54-78.

SEIBERT, Gerhard. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. **Afro-Ásia**, [S. l.], n. 49, p. 41-70, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21315>. Acesso em: 15 abr. 2020

SEIBERT, Gerhard. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. **Anuário Antropológico**, v. 40, n. 2, p. 99-120, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/1411>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SILVA, Felipe Bilharva da. **Produção oral e escrita dos róticos em Arroio do Padre (RS)**: avaliando a relação português/pomerano com base na fonologia gestual. 2015. Dissertação (Mestrado) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2726>. Acesso em: 5 maio 2020.

SPESSATTO, Marizete Bortolanza; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; AGOSTINHO, Ana Lívia; PEREIRA, Ivelã. Aspectos do contato linguístico do vêneto no português escrito de Chapecó no século XX. *In*: COELHO, Izete Lehmkuhl; MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva; MARTINS, Marco Antonio Rocha; GÖRSKI, Edair Maria (org.). **Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX** [recurso eletrônico]. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021. p. 131-154. Acesso em: 3 out. 2021.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. [S. l.]: Martins Fontes, 2014.

THOMASON, Sarah G. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

TOMÁS, Gil *et al.* The Peopling of São Tomé (Gulf of Guinea): Origins of Slave Settlers and Admixture with the Portuguese. **Human Biology**, v. 74, n. 3, p. 397-411, 2002.

WEDEL, Andrew; KAPLAN, Abby; JACKSON, Scott. High functional load inhibits phonological contrast loss: A corpus study. **Cognition**, v. 128, n. 2, p. 179-186, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cognition.2013.03.002>. Acesso em: 5 abr. 2020.

ANEXO A – Lista de palavras

Encontram-se listadas abaixo as palavras utilizadas na pesquisa, incluindo os pares mínimos, que estão em destaque.

1	rato	36	aborrecido
2	carro	37	parecido
3	ferre	38	enredo
4	erra	39	enrolar
5	carinho	40	pari
6	ferra	41	será
7	careta	42	forra
8	carrinha	43	coro
9	fera	44	muro
10	era	45	adorava
11	fere	46	maria
12	radical	47	rude
13	arame	48	rico
14	fora	49	derreter
15	embora	50	horror
16	roça	51	resolveu
17	arrotada	52	rasgado
18	amarela	53	para
19	carrinho	54	turismo
20	risada	55	mentira
21	aroma	56	origem
22	aro	57	herdeiro
23	rói	58	barriga
24	rua	59	varia
25	barra	60	coração
26	varria	61	sincero
27	arranca	62	arrancar

28	marreco	63	Henrique
29	arroz	64	honra
30	corro	65	enraivar
31	murro	66	enraizar
32	número	67	enriquecer
33	arritmia	68	genro
34	variedade	69	arrendar
35	caro		